



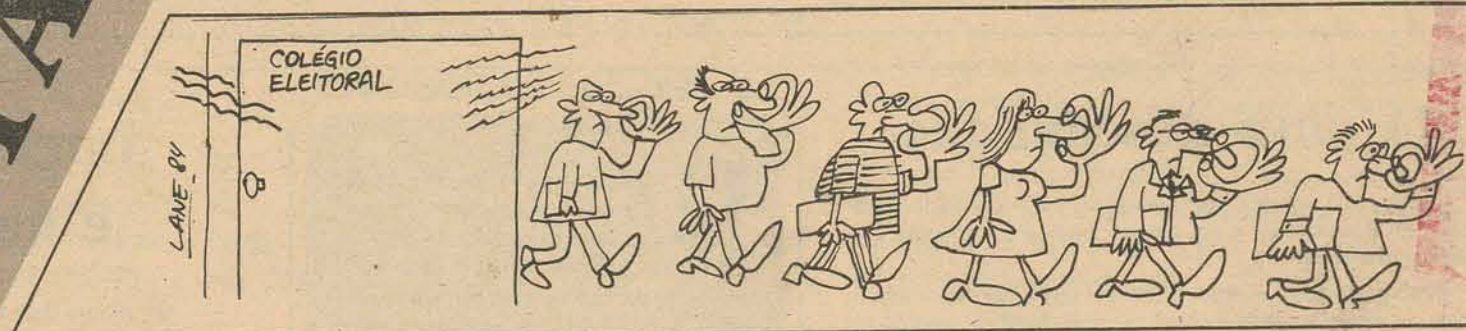
Maluf e Tancredo ignoram anseios populares, pág. 3

**JAISON DENUNCIA FALSAS
VÍTIMAS E REJEITA
CS OPORTUNISTAS, pág. 4.**

**Comício de Florianópolis
indicará os novos caminhos
da política de Santa Catarina.
pg. 5**

**Mobilização do povo garante
marcação "homem a homem"
junto à classe política.
Leia pág. 3 e 5.**

**FRENTE LIBERAL
PRETENDE
RESSUSCITAR O
GOLPE DE 64.
Veja na pág. 7.**



A participação popular nos comícios de Florianópolis e de Belo Horizonte provou que o povo não admite ser enganado. Mesmo em Goiânia, onde realizou-se um comício pela candidatura de Tancredo Neves, via Colégio Eleitoral, o grito da multidão era um só: Diretas Já! e Não à conciliação!

Pela primeira vez na história do Brasil o povo está "de olho" nos políticos. Um novo quadro fatalmente surgirá em função desta realidade.

URUSSANGA, o acidente que o governo permitiu

As falhas na legislação e principalmente na fiscalização das normas de segurança no trabalho dos mineiros de carvão são responsáveis pela totalidade dos acidentes ocorridos. A omissão governamental é inquestionável, veja matérias nas páginas 10 e 11.

FMI ameaça quebrar indústrias catarinenses

O cerco imposto pelo FMI ao setor têxtil está provocando sérios prejuízos nas tecelagens e fiações de nosso Estado. As conseqüências desta política envolvem o estrangulamento da atividade, com falências e desemprego generalizado, página 12.

EXCLUSIVO

EXCLUSIVO

EXCLUSIVO

EXCLUSIVO

EXCLUSIVO

EXCLUSIVO



Escândalo do PROCAPE
O relatório final da CPI do PROCAPE dá nome
aos bois e mostra quem e como se roubou
"especiais". Cobertura
completa na
pág. 14.

Cartas da MAIORIA

Recebemos excepcional quantidade de pedidos de assinaturas. Infelizmente não há espaço para nomear cada pedido. Como exemplo, só de Xanxerê recebemos cartas de Oliciano Outeiro, Secretário da Bancada do PMDB na Câmara de Vereadores, solicitando 24 novas assinaturas. De Curitiba, através de Rubens Vieira, mais 30 pedidos. O jornal só pode mesmo atender esses pedidos e fazer o seu agradecimento coletivo.

Recebemos, também, numeroso volume de críticas, sugestões e apoios, especialmente a respeito do Só-Diretas e do Colégio Eleitoral. Divulgamos neste número apenas os tópicos mais polêmicos de algumas cartas.

“Os meios indiretos de organização política jamais serão democráticos, porque excluem o povo da decisão suprema, e não permitem ao mesmo escolher, de uma lista múltipla de candidatos, aquele que pudesse ser o melhor. O Colégio não permite outra opção: ou será o Tancredo ou o Maluf, e ambos são bons para o sistema. Tanto faz o demagogo bem intencionado como o cruel. O prejuízo da sociedade brasileira está, hoje, na via do Colégio Eleitoral”.

Alécio Verzola, Estreito, Florianópolis.

“As diretas estão difíceis, mas não impossíveis, mas se Deus quiser ainda te-

nho esperança de votar para Presidente, o desejo do povo é de não poder perder para o Colégio Eleitoral. Queremos votar. Não queremos que o Colégio vote”.

Romeu Kuchinir, Monte Castelo.

“Gostaria que num futuro breve fosse feita matéria sobre as enchentes no Vale do Itajaí. Em 83 houve cheias e nada foi feito com o dinheiro mandado para nós. Em 84 encheu novamente e já se passou mais de um mês e o Governo se reúne, o secretariado discute, o povo fala, mas nada se faz.

Gostaria ainda que o Sr. Jaison Barreto conseguisse um debate ao vivo pela TV com o Sr. Governador e com a participação DIRETA do povo atingido pelas cheias, em participação por telefone.”

José Pivatto, Navegantes.

A partir da edição anterior as matérias sobre as cheias já se tornaram nossa preocupação permanente. Queremos, sobretudo, que surjam soluções com a própria população. Nesta edição a prefeitura de Rio do Sul apresenta suas colocações sobre a questão, enquanto as autoridades competentes (ou incompetentes, como queiram), não solucionam de uma vez por todas o problema. Discutiremos também, como sugere o leitor, soluções técnicas provenientes de estudos sobre as cheias.

Escreva

LUTAS DA MAIORIA
CAIXA POSTAL, 1.295
FLORIANO POLIS S.C.

88000

RPD



Quando ao debate pela TV igualmente necessário, encaminhamos sua reivindicação aos meios de comunicação de massa.

“Diante da crise política que o Brasil está passando não há melhor sugestão que este jornal.

Estou de passagem por Santa Catarina e tive a oportunidade de conhecer o jornal MAIORIA. Como o jornal já está adiantado, solicito também os números atrasados para o endereço anexo, pois quero mostrar aos gaúchos o exemplo que Santa Catarina está dando para conseguir as eleições Diretas Já.

Celso Basso, Encantado, Rio Grande do Sul.

“Florianópolis está com o seu sistema viário ameaçado pela deficiência de va-

gas para estacionamento, uma das soluções para o problema é a indicação de novos espaços para atender a atual frota de veículos motorizados”.

Rogério Queiroz, Florianópolis

Estou escrevendo para o jornal Lutas da MAIORIA para pedir uma assinatura para eu poder ler. Para que eu possa acompanhar mais um pouco de política. Tenho 15 anos. Sou pelas diretas. Acho que o Brasil teria mais chances com um presidente escolhido pelas diretas já.

Zilma Fraiberg, Alfredo Wagner
No próximo tem mais.

O povo desconfiado

O povo está desconfiado, a maioria está desconfiada. Estamos todos desconfiados e nos perguntamos: por que tanta descrença e desconfiança!

A resposta vem na observação dos fatos que nos rondam. Desde às situações mais íntimas de cada família, quando na compra dos alimentos constata-se que a cada dia paga-se mais e comê-se menos, até nas questões gerais, como nas obras que nunca chegam para conter as enchentes, como na fiscalização sempre prometida e nunca cumprida para que não aconteçam mais acidentes nas minas de carvão e mil outras incompetências do Estado.

Estamos diante de um Estado incompetente em todos os níveis, não resta dúvida. A sociedade exige mudanças nesse quadro, exige participação nas decisões, exige prestação de contas e exige que os usurpadores caiam fora imediatamente.

Os caminhos para esta mudança não se mostram muito claros. Os políticos, que figuraram em pesquisa nacional da revista **Veja** como o setor mais desacreditado da sociedade, correm sério risco de baixarem mais ainda de qualificação, pois grande parte deles encontra-se comprometida com a manutenção deste estado de coisas, via eleição de presidentes pelo Colégio Eleitoral, caminho de compromissos de elite e distantes do anseio popular.

Poucos permanecem ainda fiéis à causa do povo.

Lutas da MAIORIA não pretende integrar o quadro dos que deixam de lado as promessas públicas e bandeiam-se ao primeiro convite do inimigo histórico e traiçoeiro.

Continuamos ao lado do povo catarinense e brasileiro e, para que a voz do povo, hoje sufocada pelos acordos de elite, possa continuar ecoando e reivindicando mudanças profundas e verdadeiras, colocamos nossas páginas abertas a todo o Estado de Santa Catarina:

Você, leitor, tem e deve exercer o seu direito de manifestação. Utilize-se do **Lutas da MAIORIA** para colocar suas denúncias, para colocar as reivindicações de sua comunidade, para divulgar suas idéias em torno de uma realidade socialmente mais justa, para participar, enfim.

Entendemos que nada é mais eficiente para sustentar as **Lutas da MAIORIA** qua a voz da própria maioria.

Quem acha que a ida ao Colégio favorece a população está redondamente enganado. O PMDB sozinho não tem maioria no Colégio Eleitoral, e nessa luta indireta não conta com o PT, nem o PDT e nem mesmo com o PTB, além de não contar com os integrantes do Só Diretas.

Será que ele pode confiar nos dissidentes do PDS que hoje integram a chamada “Aliança Democrática”?

Na votação da emenda Dante de Oliveira o PMDB contou com essa dissidência e “quebrou a cara”!

expediente

Lutas da Maioria é um jornal independente, aberto à participação de todos os segmentos sociais como sindicatos, associações ou quaisquer agrupamentos comunitários.

Nosso compromisso é o de combater as práticas políticas e sociais voltadas à permanência do poder nas mãos dos mesmos corruptos que há anos nos oprimem. Não aceitamos também posições dúbias expressas em conchavos políticos que visam enganar à opinião pública.

Esta edição esteve sob coordenação de João Vianney, e contou com a colaboração de Reny Fontana, Alan Serrano, e Vandro Magalhães, Shirley Donato, Adelar Lessa, Assessoria de Imprensa da prefeitura do Rio do Sul, Rubens Vieira, José de Santa Anna, José Carlos Vidal, Terezinha Volpato, Ilson Chaves, Assessoria de Divulgação da prefeitura de Canoinhas, Luís Henrique, Márcia Bokkel e Joseleer Moreira.

Agradecimento especial: Teo Cruxis de Oliveira.

Lugar de mulher é na sociedade

Os últimos dados fornecidos pelo IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, mostram, de maneira definitiva, que as mulheres são a maioria do povo brasileiro. A realidade é absoluta no que diz respeito ao todo populacional e ao número de eleitores. Contudo, a posição inverte-se quando avalia-se o mercado de trabalho. As mulheres são nitidamente minoritárias.

Walkíria Ruthes, professora formada em Letras pela Faculdade de Florianópolis, em depoimento ao **Lutas da MAIORIA**, disse que “foi na década de 60 que começou a se refletir no Brasil a respeito da condição da mulher quando esta, após conquistar os meios acadêmicos, saiu em busca de espaço nos diversos campos de atividade, modificando assim seu comportamento. Mas os espaços ocupados ainda são mínimos. Na vida profissional, a mulher é levada a optar pelas chamadas carreiras femininas, menos valorizadas socialmente, ou continua preterida no mercado de trabalho, mesmo contando com o aval do nível superior de escolaridade”.

O papel desempenhado pela escola, pela educação, está exercendo caminhos ainda distintos para homens e mulheres, continua Walkíria: “enquanto para os homens a escola pode significar a ponte para o mercado de trabalho, para as mulheres significa apenas guarda e proteção”.

Além de profundas modificações nessa estrutura, Walkíria defende toda uma gama de complementações sociais, que são continuamente reivindicadas pela população e que não vêm encontrando eco no Estado. “É necessário que as creches, as tão prometidas creches para os filhos das trabalhadoras, quer sejam operárias ou funcionárias públicas estejam presentes em cada bairro, para que as mulheres não se enclausurem dentro de uma casa dividida entre as fraldas e o fogão, sem poder desenvolver o seu potencial dentro das mais diversas profissões”.

Não se trata de defender aqui uma posição simplista como “lugar de mulher é na rua e no trabalho”, mas sim de levantar mais alto a bandeira de que “lugar de mulher é na sociedade, integrada, e não marginalizada”. Literalmente esta é uma luta da maioria.

Tancredo e Maluf preparam terreno para implantar a ditadura econômica

Colocar o impasse da política brasileira no conflito entre o capital estrangeiro, representado por Paulo Maluf, e o grande capital financeiro nacional, representado por Tancredo Neves, corresponde a uma visão verdadeira, porém parcial, da conjuntura do País. Falta à análise do impasse, obviamente, outro aspecto, talvez o mais importante: *o do Estado contra a Nação, ou o do Governo contra o Povo.*

Este aspecto menosprezado pela atual estratégia de grande parte das oposições deixa sem representação enormes parcelas da população brasileira, vítimas tanto da dívida externa como da dívida interna, assim como de seus resultados refletidos nos altos juros sobre os empréstimos, no fracasso da Previdência Social, nas prestações do BNH, no preço dos transportes e na carestia generalizada dos gêneros alimentícios, sem contar o desemprego desesperador.

Todos estes aspectos da questão sócio-econômica que vivemos têm uma contrapartida dolorosa na marginalização da sociedade, cuja qualidade de vida se degenera na queda das aspirações individuais e grupais.

O POVO JÁ PAGOU

A solução da crise brasileira tem um preço. Por ela já pagaram os operários, pelo arrocho salarial ou pelo desemprego; os pequenos empresários pela falência e perda de capital de giro; os pequenos produtores rurais pela inseqüência da política agrícola



do governo, assim como os meeiros ou parceiros, que a introdução do capitalismo no campo transformou em bóias-frias.

Por não corresponder ao confronto necessário, o falso dilema Tancredo/Maluf pode acabar, em função da crise, transformando-se num grande acordo de adversários, cujo objetivo será a manutenção do atual modelo de desenvolvimento brasileiro e sustentar a ditadura que o implantou.

ACORDO DE BARÕES

Não é por menos que Tancredo Neves já está jogando fora sua máscara de liberal e, após o comício de Goiânia, se propondo como combatente contra os grupos Só Diretas, PT e setores do PDT, sem contar que,

após obter o apoio da quase maioria do PDS, começa agora a descartar o apoio dos setores de esquerda que o apoiaram inicialmente. Estes já começam a experimentar o amargo do erro.

Por todas estas posturas Tancredo já conta com a simpatia pública de Figueiredo e seus Ministros militares, aos quais vive a fazer os mais subalternos elogios.

Tancredo e Maluf estão hoje no mesmo barco, portanto. O povo compreende o jogo e não se deixará iludir por "aparências de legalidade ou de democracia" que pretendem fazer a transição da brutalidade translúcida da ditadura militar para a brutalidade opaca da ditadura econômica.

Colégio Eleitoral — A carruagem de abóbora

* Evandro Magalhães

Com um Decreto e um discurso Figueiredo ameaça acabar com os comícios de Tancredo e proibir a divulgação de quaisquer atos cívicos pela TV e pelo rádio. O objetivo é evitar o desgaste dos dois candidatos do sistema, TANCREDO NEVES e PAULO MALUF, e impedir a intercomunicação da sociedade consigo mesma. O que origina todo o medo é a percepção de que cada comício da Frente Liberal acaba sempre se transformando em manifestação contra o Colégio Eleitoral, contra o sistema autoritário, contra a corrupção e o conchavo.

Enquanto Tancredo foge dos debates, Maluf assiste às fugas com fingida indignação. Ele também não aguenta o tranco do contato demorado com a opinião pública, seja na rua, seja escondido atrás das lentes da TV.

BOMBAS E BILHÕES

Prometendo e reprometendo "voltar aos quartéis" e deixar que a política seja coisa dos "casacas", os militares falam e desfalam, colocando a nu, cada vez mais, que o sistema de poder está todo dividido.

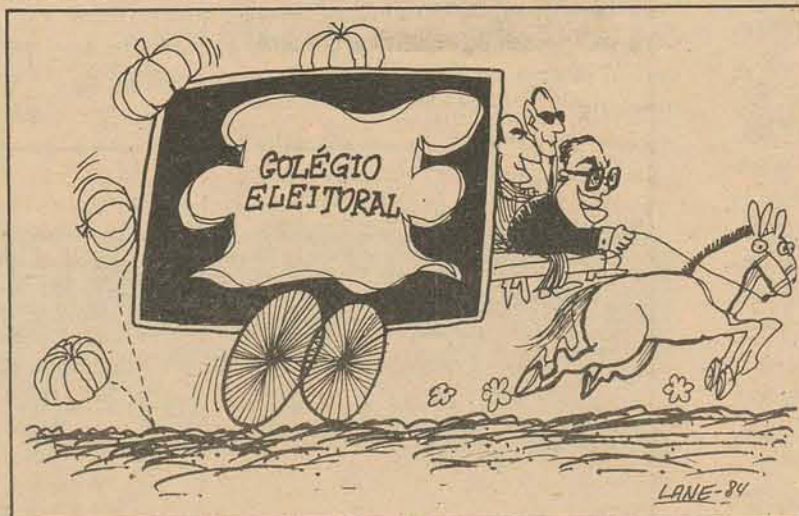
Querem que a bomba financeira dos últimos vinte anos "estoure no meio dos pai-

sanos". Mas temem receber seus estilhaços, como aconteceu no Riocentro.

E veem que os políticos não querem as diretas, pois o Colégio Eleitoral é o rasteiro do espólio do regime, a herança fantástica das mil e uma noites, a caça ao tesouro de Ali Babá, o prêmio maior jamais pago pelo bicho e a sorte grande jamais paga por qualquer loteria. Sabem que por alguns bilhões de cruzeiros as multinacio-

nais podem "comprar" a administração do Brasil por mais seis anos e desnacionalizar a informática, a nascente indústria bélica, a PETROBRÁS, o Banco do Brasil, a Vale do Rio Doce etc.

Com os olhos ávidos por proveito imediato, as Cinderelas do PP calçam, em dores, o apertado sapato de cristal que o sistema lhes entrega, como se dissessem: "Agora é a nossa vez".



Os demais sobem no muro, ainda que o excesso de peso possa desmoroná-lo.

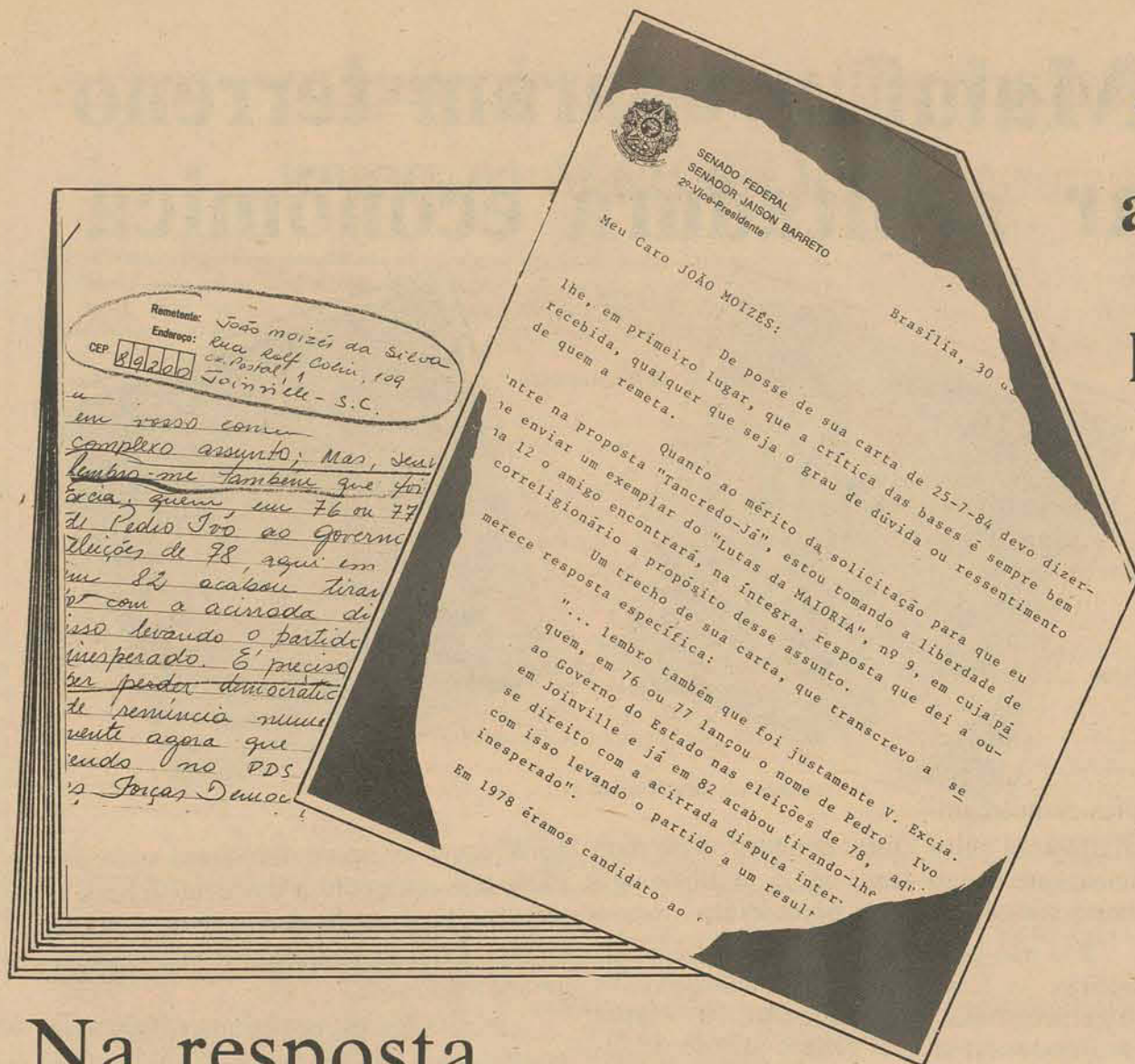
DANÇA DE MANDATOS

Empurrado por pressões e contra-pressões o Presidente ora adocece, ora melhora, ora fala, ora se cala, ora passeia, ora se esconde, e ri ou canta, ou esbraveja ou chora, com as diferentes vestimentas impostas pelo "script" do poder.

Ao sistema o povo responde com DIRETAS-JÁ. Aos candidatos indiretos, responde com desprezo. E aos oportunistas da política profissional responderá, em 86 e 88, com a renovação quase integral da Câmara e do Senado, das Assembléias e Governos estaduais. E levará de roldão, numa avalanche de votos, os Prefeitos e Vereadores que tiverem e desdita de acompanhar, em troca de migalhas, a aventura nababesca dos que ora comandam esse festival de corrupção.

Em 86 e 88, o Conto da Carochinha em que transformaram a atual sucessão presidencial voltará a ser o contato com as bases populares e a força do voto eleitoral. Então, veremos todos, que a carruagem triunfal voltou a ser de abóbora... e os cocheiros de libré serão, de novo, ratos.

Jaison recusa falsos argumentos e reage a posições oportunistas



Uma simples carta enviada por João Moizés da Silva, de Joiville, a Jaison Barreto justificou, da parte do senador, uma longa e detalhada resposta, destinada a desmistificar e desmascarar fantasmas do passado, fantasmas que não passam de um mero lençol agitado por trás da porta, segundo o próprio Jaison Barreto. A carta tentava reacender uma discussão já ultrapassada, de que se, em 1982, o candidato do PMDB ao governo fosse Pedro Ivo o resultado das urnas seria diferente. Jaison reagiu ao argumento, conforme a resposta encaminhada a João Moizés, e permitiu que tanto a carta quanto a resposta fossem divulgadas no Jornal da MAIORIA.

Na resposta um basta às mentiras

Jaison teceu em sua resposta de três páginas todo um histórico de sua carreira política, com explicações de como de deputado federal passou a senador, eleito pelo MDB, sigla com vida nas eleições de 78. Nessa época, quando lançou Pedro Ivo como candidato ao governo estadual, disse que Ivo vinha de um bom desempenho à frente da prefeitura do Joiville, e que reunia, plenas condições de vitória. Como o pleito foi indireto, Pedro Ivo concorreu a uma vaga de deputado federal e conseguiu êxito.

Sobre as eleições de 82, o senador Barreto escreveu a Moizés dizendo que "o quadro já era muito diferente. Como único senador catarinense do PMDB, surgíamos como candidato quase natural ao governo do Estado. Além disso, nossa própria eleição significaria a obtenção de uma segunda cadeira no Senado, pois passaríamos nosso mandato ao suplente Dejanir Dalpasquale, e ajudaríamos a eleger, além de Pedro Ivo para o Senado, maior número de representantes na Câmara Federal, Assembléia Legislativa, prefeituras e Câmara de Vereadores. Os seis mil votos da fraude, porém, cortaram-nos, roubaram-nos esta oportunidade".

A disputa interna no PMDB para escolher o candidato ao governo "caminhou para o meu nome, de maneira democrática", clarificou Jaison. "Minha indicação não esteve ligada a conchavo algum".

A derrota de Ivo ocorreu em função das posições políticas que na época assumia, escreveu Jaison: "... o derrotamos pela qualidade de seu programa, já então muito conciliatório com o Poder instituído pela ditadura."

TODOS ROUBADOS

Na carta, Moizés fala de um "resultado inesperado" nas eleições de 82, e liga o fato à candidatura Jaison. O senador colocou na resposta que o "resultado inesperado não foi produto de nossa própria candidatura, mas também da de Pedro Ivo ao Senado, pois, além da fraude que todo mundo reconhece ter havido, Pedro Ivo e eu perdemos juntos a eleição de 82". Posteriormente Jaison usou a expressão de que "Fomos roubados juntos".

Quanto aos números de votos apurados e as diferenças obtidas pelos adversários, o senador disse que não admite manobras destes dados, pois; "a bem da verdade devemos ressaltar também que o companheiro concorrente ao Senado teve votação inferior à nossa, razão pela qual devemos repelir, uma vez mais, o papel de vítima, de falsa vítima, que ele hoje procura encarnar, enquanto continua jogando na conciliação com o regime na acirrada disputa pelo controle da máquina do Partido."

HISTÓRICO DE DERROTAS

Por fim concluindo sua resposta a João Moizés, o senador disse que "tendo sido vencido por nós três vezes consecutivas na avaliação da realidade política de nossa época e de nosso Estado, falece ao companheiro Pedro Ivo, no momento, autoridade política para julgar nosso comportamento atual, que ainda é a favor das Eleições Diretas".

E terminou sua carta-resposta afirmando e reafirmando sua luta incessante pelas diretas como único caminho para a satisfação dos interesses populares: "Aliás, como membro do Grupo SÓ-DIRETAS DO PMDB", escreveu o senador, "nós sim, é que temos o direito de advertir a cúpula do Partido para a fragorosa derrota e decepção que vai preparando para as massas catarinenses e nacionais por sua aventura oportunista de fazer uma frente espúria com notórios defensores do arbítrio, como Geisel, Aureliano Chaves, Olavo Setúbal, Marco Maciel, José Sarney, Antônio Carlos Magalhães e tantos outros golpistas históricos que hoje procuram se esconder sob manto protetor do trancredismo".

Você pensa que a ida do PMDB ao Colégio Eleitoral, com candidato próprio, vai derrotar o Maluf? Você já pensou que Paulo Maluf jamais ganharia uma eleição direta, e que o Colégio Eleitoral é a única forma que ele tem para chegar à Presidência da República? Já pensou que ele pode pagar alto pelos votos que lhe faltarem?

Comício de Florianópolis serviu de lição aos que pensavam ser fácil enganar o povo.

O saldo do grande comício pelas diretas já realizado em Florianópolis no último dia 11 de setembro transcende à simples condenação do Colégio Eleitoral e à reivindicação das eleições diretas.

Quase um mês após o comício os melhores analistas políticos dizem que o principal ingrediente da manifestação não foram os discursos, mas o povo. Tanto pela quantidade, mais de 20 mil pessoas, quanto pela postura que a multidão assumiu. *Todo o tempo o povo esteve vigilante.*

Assim, aos primeiros sintomas dos poucos oradores que ali estiveram com o objetivo de "melhar" o comício, defendendo a ida das oposições ao Colégio, a massa calava o orador com vaias de grosso calibre. Não importava se o argumento fosse eleger Tancredo ou derrotar Maluf, igualmente a multidão vaiou os candidatos indretos, condenando suas candidaturas e compromissos.

Ainda neste balanço, há que se registrar os oradores mais aplaudidos: Jaison Barreto e Lula. Jaison pelas posturas intransigentes

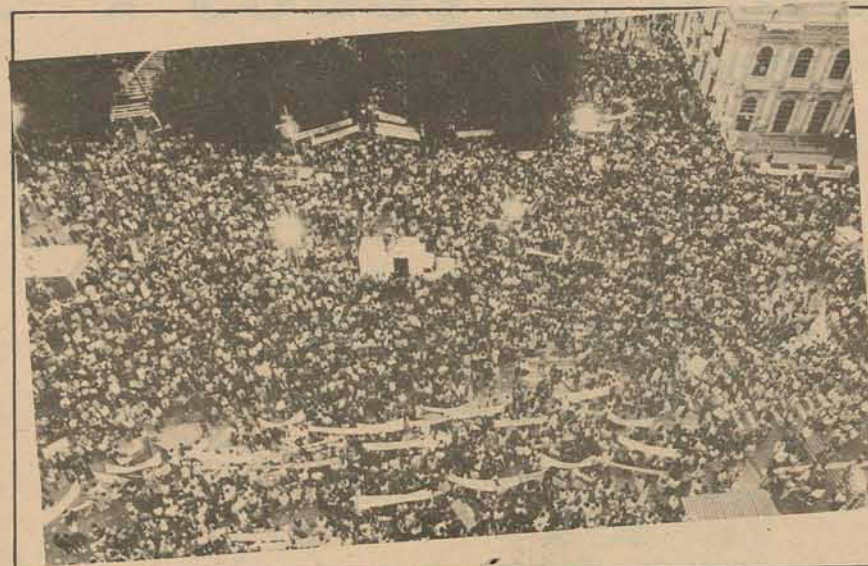
a favor das eleições diretas e somente pelas diretas, e Lula por sua igual combatividade.

NÃO À CONCILIAÇÃO

As melhores e maiores provas do estado de vigilância em que se encontra a população estiveram refletidas no comício através das vaias conferidas aos candidatos indiretos, ao governador Esperidião Amin e aos gritos condenando a conciliação manifestados após o discurso de Pedro Ivo Campos, atual presidente regional do PMDB. Quando este último terminou seu discurso o povo reagiu e gritou: *não, não, não à conciliação.*

Ao condenar espontaneamente as tentativas de sabotagem ao comício o povo catarinense deu mostras de que tem vivos na memória os compromissos assumidos tanto na campanha das diretas quanto no pleito de 1982, e não admite que políticos que levantaram votos em cima de uma promessa de ferrenha combatividade à ditadura estejam hoje dando fôlego a setores estruturais desta mesma ditadura, alimentando um inimigo que certa-

mente, na primeira oportunidade, voltará a golpear o povo pelas costas, traiçoeira e violentamente.



A multidão que foi ao comício cobrou coerência dos políticos



Vigilância popular será decisiva nos desdobramentos político-partidários

De tudo que foi possível observar, conclui-se que desdobramentos político-partidários poderão ocorrer ao longo deste e do próximo ano, dependendo das definições e da autenticidade das lideranças.

Quando se comenta a "autenticidade das lideranças" é necessário levar em consideração o ingrediente opinião pública. Nunca o brasileiro esteve tão mobilizado e atento. Por consequência, nunca nossos eleitores estarão tão atentos e vigilantes quanto nas próximas eleições estaduais e nacionais.

Os eleitores estão observando com atenção o comportamento da classe política e o passado de cada um. Sabe quem é Armando Falcão, sabe quem é Jorge Bornhausen, sabe quem é José Sar-

ney, e passa a saber, publicamente, quem são os seus aliados.

Como é possível a alguém, após 20 anos de luta contra a ditadura, contra as discriminações, contra as prisões e contra o arbítrio aliar-se a essa gente que desgraçou e ajudou a desgraçar a nação e o povo? Eis a maior indagação que, perplexas, as pessoas se fazem. Meias respostas ou respostas esfarrapadas não convencem, pois são esses aliados que desejam ou aceitam o Colégio Eleitoral, enfraquecendo com isso a luta popular pelas diretas, que são viáveis e não há cristão capaz de desmentir esta afirmação.

A vigilância popular, é bom que se repita, indicará os desdobramentos político-partidários que possam ocorrer no Estado e no Brasil. Alguns políticos parecem pensar que a História do Brasil encerra-se a 15 de janeiro, com o Colégio Eleitoral, mas o povo pensa exatamente o contrário.

Jaison, o mais aplaudido

Dois aspectos na multidão caracterizaram o discurso de Jaison Barreto. O primeiro foi o silêncio que se fez na praça quando ele começou a falar. Em nenhum outro momento houve tanta expectativa. O segundo aspecto envolve os aplausos durante e ao fim de seu pronunciamento. Ele foi, sem dúvida, o orador mais aplaudido. Destacamos aqui um dos trechos mais ovacionados pela multidão, presente ao comício de Florianópolis.

"... Neste momento de definições nunca fui tão coerente com o meu Partido, pois esse Colégio é uma farsa, uma mentira e a mistificação do que deseja o povo. É chegado o momento de cada um assumir a sua identidade acima dos partidos

porque nesses conchavos e conluios não teremos governo para fazer as transformações sociais que a nação exige e reclama."

Recado popular: A história não acaba em 15 de janeiro.



Setembro 1984

Coronéis da política querem iludir a todos e dar volta por cima

João Santa Anna



Os velhos medalhões, os viciados caciques da oligarquia catarinense, não se acanham. Na fome de continuarem aferrados ao poder, que usufruíram e vêm usufruindo há exatamente 80 anos, vão trocando de camisa e de discurso conforme as suas conveniências imediatistas e pessoais. Sempre agiram assim, e desta forma vão iludindo a população. Desprezam toda e qualquer postura vertical, interessados somente na perpetuação do seu poder de mando, gerindo o Estado como se fosse uma fazenda particular.

Avaliam os novos líderes como inaceitáveis intrusos, e procuram destruí-los por todas as formas e meios. Falam muito em democracia, mas agem como coronéis de engenho. Diziam-se defensores do povo, mas assim que eclodiu o golpe de 64 acorreram em atropelo para beijar a espada opressora.

Os Ramos e os Konder que até então se alternavam na partilha do Estado, desde o início do século, fingindo-se de rivais, atiraram-se nos braços um do outro para perplexidade geral. Esse fato mostrou que as duas posições pretensamente antagônicas não passavam de encenação. O caso deles sempre foi o poder pelo poder em si. Azar do povo, que só lhe serviu sempre como massa de manobra.

O Sr. Jorge Bornhausen, que ocupou bionicamente a vice-governança do Es-

tado no lugar de Francisco D'Alligna, este foi eleito pelo povo e cassado, com um golpe de força, para dar lugar ao mesmo Jorge, e que também foi governador biônico, hoje mudou de lado e encostou-se no candidato das oposições.

É evidente que não fez isto por princípios democráticos e muito menos por amor ao povo. Fez isto porque percebeu que a quartelada de 64, à qual serviu e da qual serviu-se gordamente ao longo desses 20 anos, está exaurida e caindo de podre. Juntamente com outros espertalhões, oportunistas e dedos-duros que aplaudiram os 20 anos de arbítrio e obscurantismo, agora estão mudando de lado.

Pretendem confundir-se com os líderes que foram perseguidos, cassados e que durante esses negros 20 anos combateram, ao lado do povo oprimido, o regime autoritário hoje em agonia. Isso é a suprema injúria e o mais descarado vitupério.

Fora com esses hipócritas e falsos democratas. Merecem ser escorraçados da vida pública. Sem revanchismo, mas com total desprezo. Não é justo que continuem por aí, vendendo caro as suas ilusões e as suas mentiras. É hora de mudar mesmo, oxigenando o Estado para que todos tenham oportunidade legítima sem arcar o espinhaço.

Os jovens estão dentro ou fora da Política?

— Boa pergunta, e como boa pergunta merece uma boa resposta. Resposta que você, leitor, está convidado a dar.

Nos comícios realizados pelas eleições diretas em todo o Brasil a maioria absoluta das pessoas que assistiram e participaram das concentrações estava formada por jovens, pessoas que nunca votaram para Presidente, com certeza, e dentre essas, uma grande parte que ainda não votou para coisa alguma.

Por outro lado, nos palanques, o cenário era bem outro. Poucos jovens tiveram vez e voz nos comícios e mais, quando se falava em nome da juventude nem sempre o orador era um jovem com menos de 30 anos.

Por que isto?

— Não temos resposta. Esperamos sua resposta para publicação e ampliação da discussão. Aliás, a questão surgiu por sugestão do leitor que escreve a seguir. Seu nome é Rubens Vieira, 25 anos, residente em Curitiba. Participe do *Jornal da Maioria* enviando sua resposta sobre a questão da participação dos jovens na política.

É realmente impressionante o desinteresse dos jovens pela política, e em Curitiba não poderia ser diferente. E, pior, a juventude para qualquer manifestação de alguns poucos da mesma geração logo é classificada de fanatismo.

Alegam que a política é um jogo muito sujo e que os governos que se sucedem são todos iguais e que nada mudará. Ora, ora, ora, diria o grande Teotônio Vilela, “é óbvio que não poderiam pensar diferente estes jovens, pois nasceram dentro de um sistema autoritário e ilegítimo de governo, e passaram toda sua vida assistindo as instituições sendo destruídas, os sindicatos sofrendo intervenções, enfim, a sociedade civil organizada sendo jogada contra si própria, para não falar nas perseguições políticas e nos dedos-duros que as protagonizaram”.

— Mas, paremos para pensar, será que essa gente que tomou o poder por assalto são os donos da verdade? Será que são os representantes de Deus no Brasil? Mas é claro que não!

É muito fácil de se entender, vamos ao raciocínio: a grande maioria do povo brasileiro é jovem.

Alguns setores oposicionistas, fazendo coro com as vozes do regime alegam que a luta pelas diretas podem causar um retrocesso.

O que resta da ditadura não tem mais meios de fazer 30 anos de ditadura. Falta-lhe apoio social, militar e financeiro, entre outros.

Muito bem, se é maioria a juventude e se é a maioria que oferece sempre resistência aos governos prepotentes, é óbvio que eles (os “revolucionários”) teriam o maior interesse em desestimular ao longo desses últimos 20 anos a participação do jovem na política. E mais ainda, tornaram a política um jogo sujo enchendo-a de corrupção, torturas, perseguições, discriminações e por fim de conchavos de cúpula, que acabam dando uma opção de saída pela tangente aqueles que colaboraram com o regime militar, enfim, com este estado de coisas.

É claro que jovens com sede de futuro ao verem seus líderes andarem de partido em partido buscando salvar seus próprios interesses acabaram por ficar sem um caminho certo, acabaram por colocar todos os políticos na mesma condição dos que macularam a história com sua ganância pelo poder.

Está na hora de nós jovens nos organizarmos para impedir que esta gente que não tem compromissos com a verdade e muito menos com o futuro, acabe por comprometer a dignidade e a honra dos que dirigirão este país num futuro próximo.

Denúncia:

Colégio Eleitoral não é o que resta.

* Luís Henrique

As pessoas que defendem ardentemente a ida das Oposições ao Colégio Eleitoral, costumam defender-se dizendo que "é a última coisa que resta", a "tábua de salvação", "o único caminho deixado pela ditadura para enfrentá-la e derrotá-la".

Não dizem, porém, que o Colégio Eleitoral não existe como instituição jurídico-política perfeita e acabada. O Colégio Eleitoral é previsto na constituição, é verdade. Mas o artigo que o prevê, exige que uma lei complementar o regulamente, quer dizer: diga como vai funcionar; como vão ser escolhidos os seis delegados de cada Estado, etc...

Em síntese: o Colégio Eleitoral precisa ser criado, através dessa lei complementar. Não existe, pois, ainda. E, para ser criado, depende da "colaboração" das Oposições, o nosso PMDB à frente delas.

Isso significa dizer que temos um grande cacife nas mãos. Poderemos impor ao governo, no mínimo, uma negociação de diretas com parlamentarismo. O Governo tem o direito de dizer que não aceita a voz da Nação e repudia as diretas. Pois bem, as Oposições também têm o direito de dizer que não aceitam o Colégio Eleitoral, negando-se a regulamentá-lo.

A chamada frente liberal mudou sensivelmente a correlação de forças na Câmara e no Senado. Bastaria que ela se engajasse na negativa de regulamentar o Colégio Eleitoral, para que o impasse fosse criado. E, depois dele, uma negociação de melhor qualidade: eleições dire-

tas, mesmo com concessão de candidatos avulsos, de obrigatoriedade de cada partido lançar seu candidato e outros penduricalhos casuísticos. Qualquer negociação dessas, em torno do pleito direto, seria infinitamente melhor que a pseudo eleição colegial.

Mas, lamentavelmente, não é isso que ocorre. Uma esmagadora maioria das Oposições quer regulamentar — e logo! — o Colégio Eleitoral. Os líderes oposicionistas do Senado requereram urgência. E o projeto lá foi aprovado na velocidade de enterro de pobre.

Na Câmara, o projeto está encontrando dificuldades, porque o Líder Freitas Nobre, fiel ao programa do PMDB, negou-se a assinar um pedido de urgência, já subscrito pelos demais líderes oposicionistas.

Nós temos resistido e vamos resistir até onde der à regulamentação. Temos enfatizado aos líderes nacionais do Partido que a negativa de regulamentar o colégio é a grande arma de que dispomos no caminho das diretas-já. Se formos vencidos nessa luta, que será marcada por uma obstrução feroz, restará alguém no PMDB — uns poucos, talvez — que cumpriram sua missão e foram fieis ao programa do Partido, cujo ideário prometeram cumprir fielmente no ato de filiação.

Luiz Henrique é deputado federal, eleito pelo PMDB de Santa Catarina, e coordenador nacional do SÓ DIRETAS.

Andrino acredita que Aliança Democrática ressuscitará 64 sustentando o regime.

"Jorge Bornhausen, governador biônico, enquadrando jornalistas e estudantes na Lei de Segurança Nacional. Botou nas ruas tropas para surrar o povo, estudantes e parlamentares. Ele, que não saia do Superior Tribunal Militar, plantando, costurando a sua nomeação como governador biônico de Santa Catarina, está agora posando de liberal".

As declarações são do Deputado Edson Andrino, da bancada estadual do PMDB, que não aceita engolir goela abaixo o Colégio Eleitoral e seus "alunos e mestres", como os senhores José Sarney, Armando Falcão, Ernesto Geisel e outros, que viriam azeitados pela baba fina de Tancredo Neves.

Colocando a nu a personalidade dos que hoje tomaram de assalto a cúpula do PMDB, Andrino disse que Aureliano Chaves, para citar apenas um dos líderes da Frente Liberal, "é um golpista de primeira hora, foi governador biônico de Minas Gerais, vice-presidente também bionicamente, avalista destes vinte anos de ditadura e hoje também quer posar de liberal e democrata".

Como prova do jogo duplo que estes homens estão fazendo, Andrino disse que Aureliano não sobe em pa-

lanque, prefere conchavos de bastidores e, para completar, diz que "defende o ideário da revolução de 64 e que quer vê-lo realizado na prática".

O que estes homens pretendem, portanto, é chegar ao poder através de Tancredo Neves e, de posse do controle da Petrobrás, Banco do Brasil, Ministério do Interior, da Justiça e outros postos importantes, sustentar os setores da direita, fomentando ideias reacionárias no "futuro governo" e plantando as bases de um novo partido autoritário.

Em Santa Catarina, após o exemplo de Bornhausen, Andrino disse não ficar surpreso se até mesmo o Henrique Córdova terminar correndo atrás da Frente Liberal. Pois ele tem um faro de poder muito apurado, explicou, e o balaio da Frente é grande o suficiente para que todos aqueles que querem o poder pelo poder nele encontrem espaço de manobras.

A principal consequência da aliança da cúpula do PMDB com a tal Frente Liberal, segundo Edson Andrino, é de que este casamento acabará ressuscitando a "redentora", posto que nunca se viram tantos desmandos, golpes, tanta corrupção como nestes últimos vinte anos de "liberalismo".



Andrino não crê nos "Bornhausen" da vida...

Deputados do PMDB protestam contra Linhares

O procedimento do ex-Deputado João Linhares, vice-presidente do Diretório Regional do PMDB, de convocar reuniões periódicas dos diretórios municipais da Grande Florianópolis, sem ao menos comunicar os parlamentares da região, gerou protesto ontem dos Deputados Nelson Wedekin, Edison Andrino e Roberto Motta, que em nota lida da tribuna da Assembléia exigiram providências por parte do Presidente Pedro Ivo Campos "visando interromper os espasmos divisionistas do Sr. João Linhares".

O Deputado Roberto Motta, que fez a leitura da nota, informou que Linhares já realizou várias reuniões com os diretórios municipais da região, sem o conhecimento dos parlamentares. A última reunião, informou, ocorreu terça-feira à noite em São José, e anteriormente ele reuniu os membros do Partido dos Municípios de Palhoça, Santo Amaro da Imperatriz e Águas Mornas. Nesses encontros, disse o parlamentar, João Linhares reúne, principalmente, ex-pepistas, hoje integrados ao PMDB.

Da mesma forma o Deputado Edison Andrino afirmou que "deve haver respeito à posição política de todos os companheiros", e advertiu que "se membros do Diretório Regional e assessores do Presidente Pedro Ivo continuarem hostilizando os companheiros que têm posição firme em favor das eleições diretas, não está afastada a possibilidade de rompemos com o Diretório, embora permanecendo no Partido".

DIVISIONISTA

Na nota, os três parlamentares começam acusando o ex-Deputado João Linhares de, pelo procedimento que vem tomando, estar "dividindo o Partido e procurando descaracterizar o PMDB".

"Na qualidade de Vice-Presidente", acrescentam, "o Sr. João Linhares toma a iniciativa de convocar reuniões periódicas dos diretórios municipais, num total

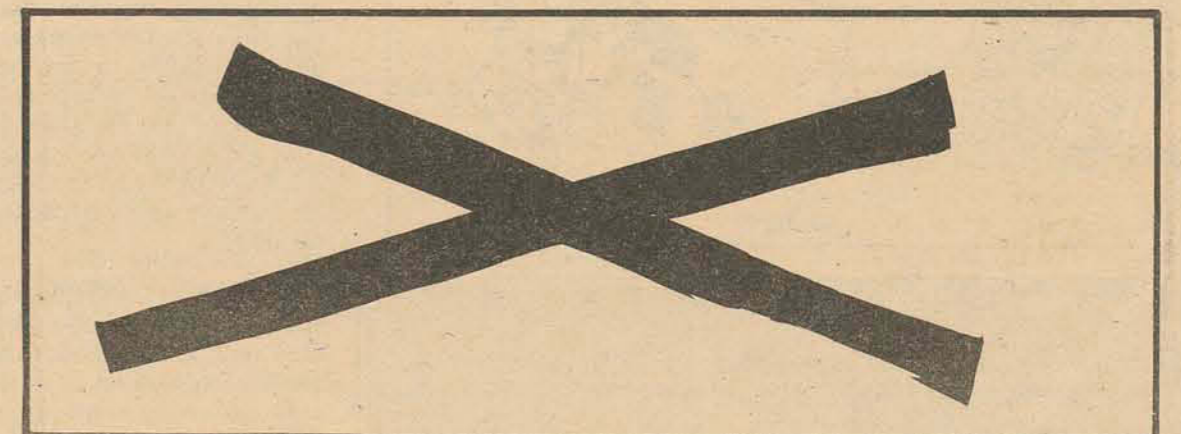
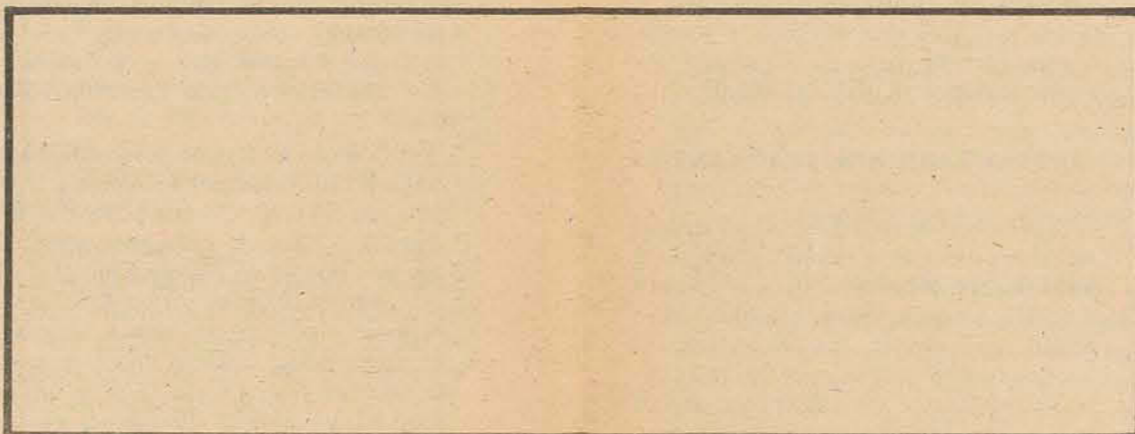
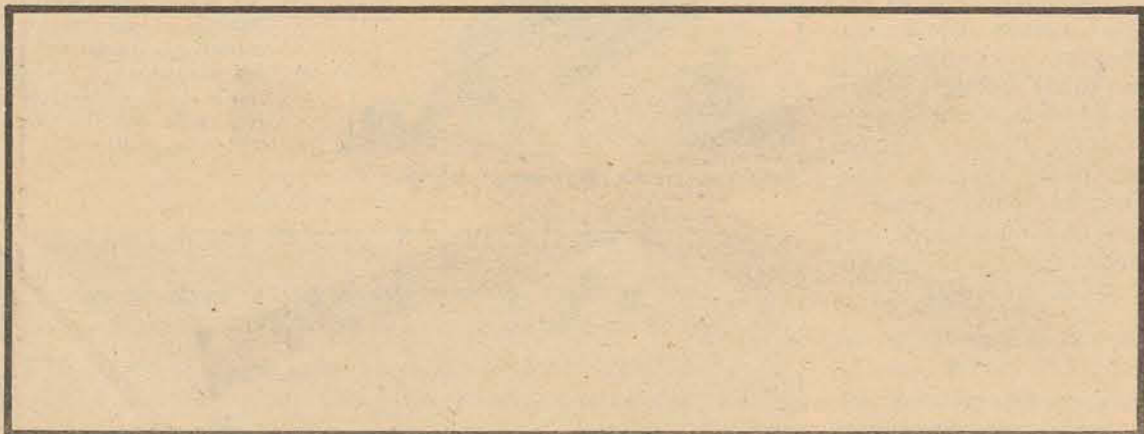
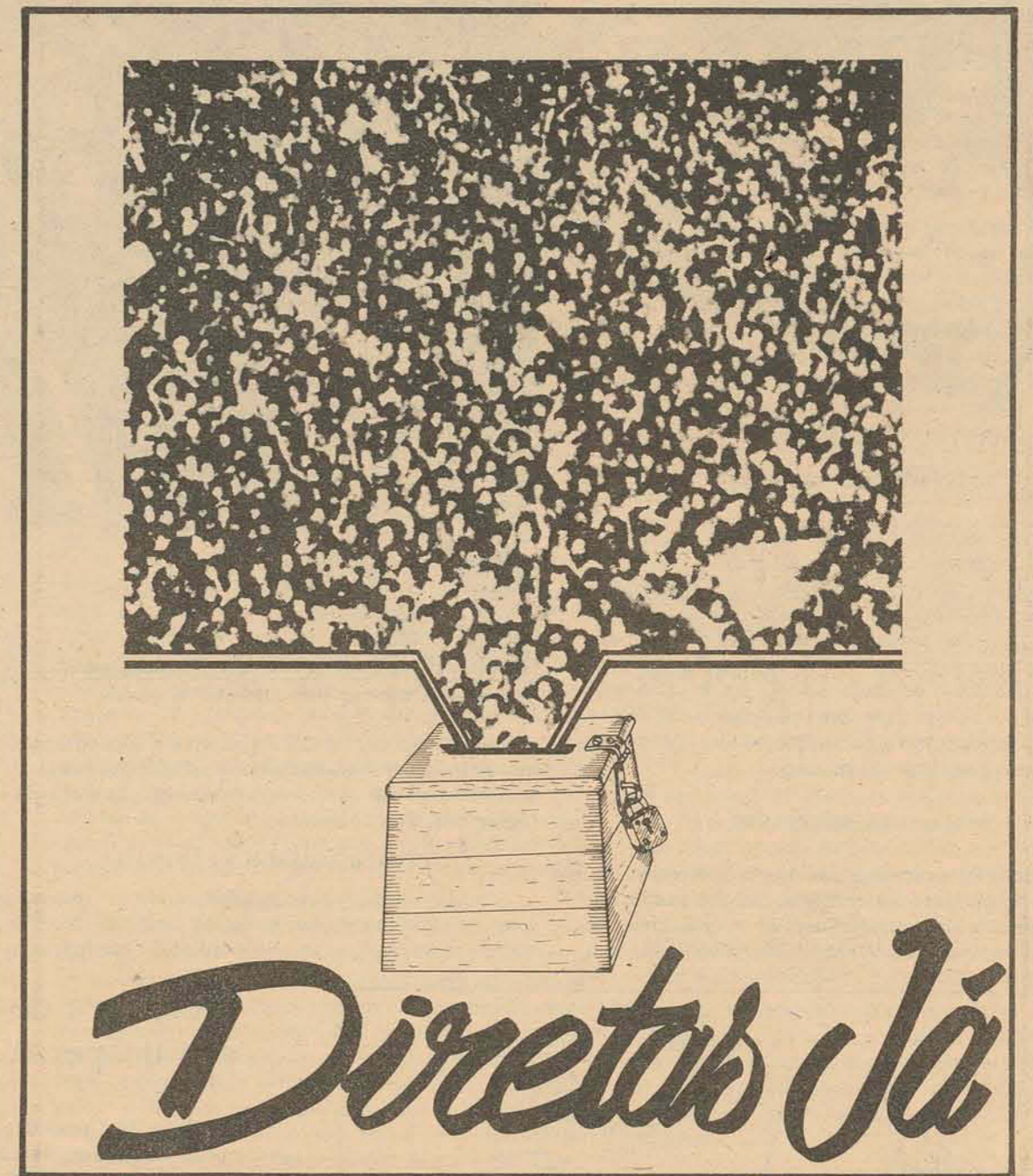
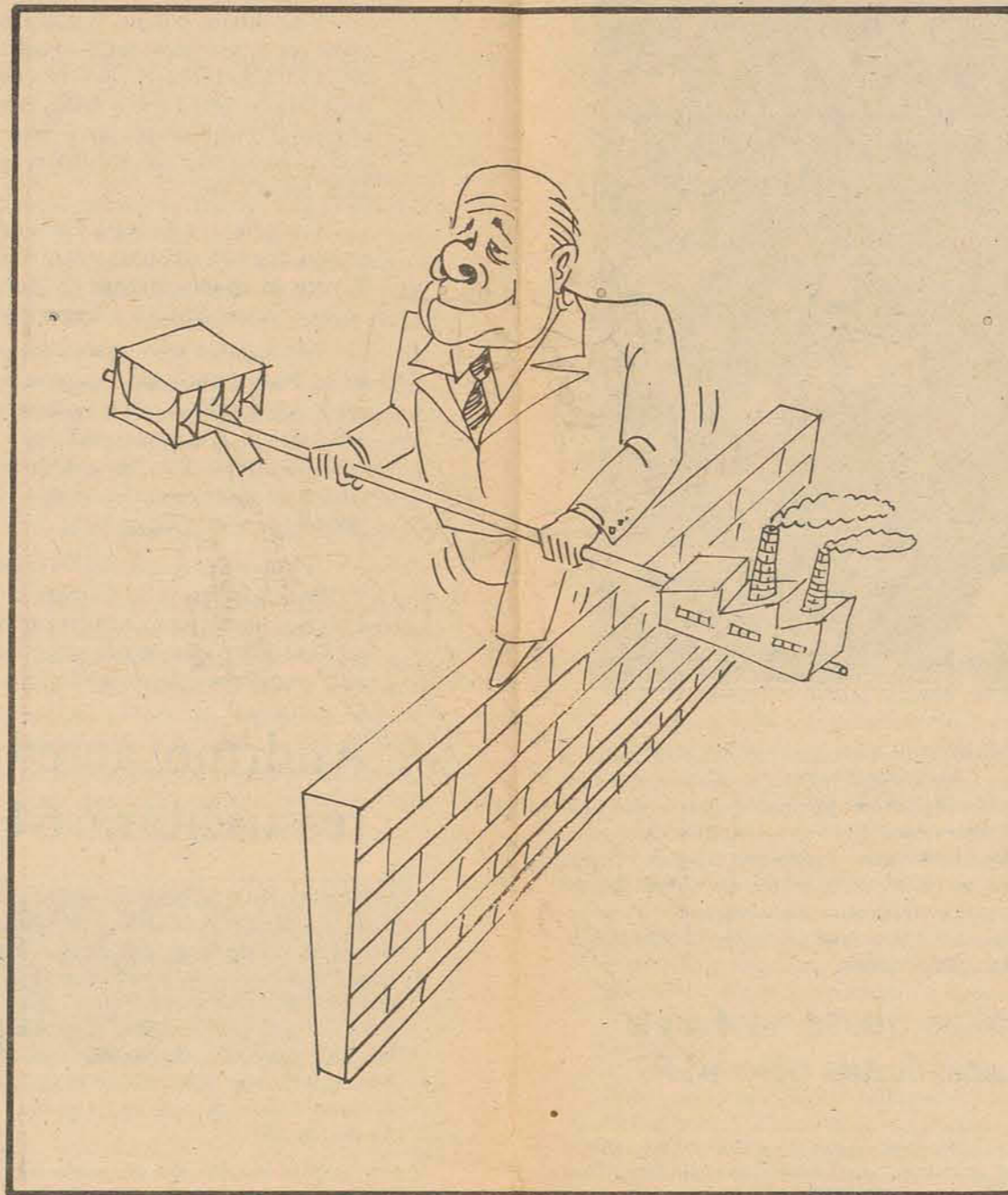
desrespeito para com os Deputados da Região e aquelas lideranças que pensam diferente do Sr. João Linhares e seus asseclas. Sem qualquer aviso prévio aos Deputados da Região, o Vice-Presidente passa a cobrar a atuação dos parlamentares, assumindo a posição de acusador e de juiz, caracterizando uma retaliação que lhe possa trazer dividendos políticos".

O Governo talvez admita as eleições diretas, desde que com o Parlamentarismo. Você sabe que essa experiência já foi feita no Brasil e fracassou.

Sabe que Tancredo Neves — o atual candidato do PMDB pela via INDIRETA — é exatamente a pessoa que negociou a implantação do Parlamentarismo em 61?

Você quer assistir à repetição das crises dessa mesma experiência já fracassada no Brasil?

ESSE É O VOTO DA MAIORIA



Walmor de Luca denuncia que governo tem culpa pelos acidentes nas minas.

“Nossos mineiros estão morrendo por falta de segurança nas minas por culpa direta da atual política carbonífera do governo, que precisa ser revertida imediatamente”, declarou o Deputado Federal Walmor de Luca, líder político na região Sul de nosso Estado. Walmor defende, há tempos, uma reversão no quadro de mineração do carvão catarinense, que implique em maior segurança nas minas e preservação dos rios, dos lagos e do ar, da poluição decorrente das atividades industriais.

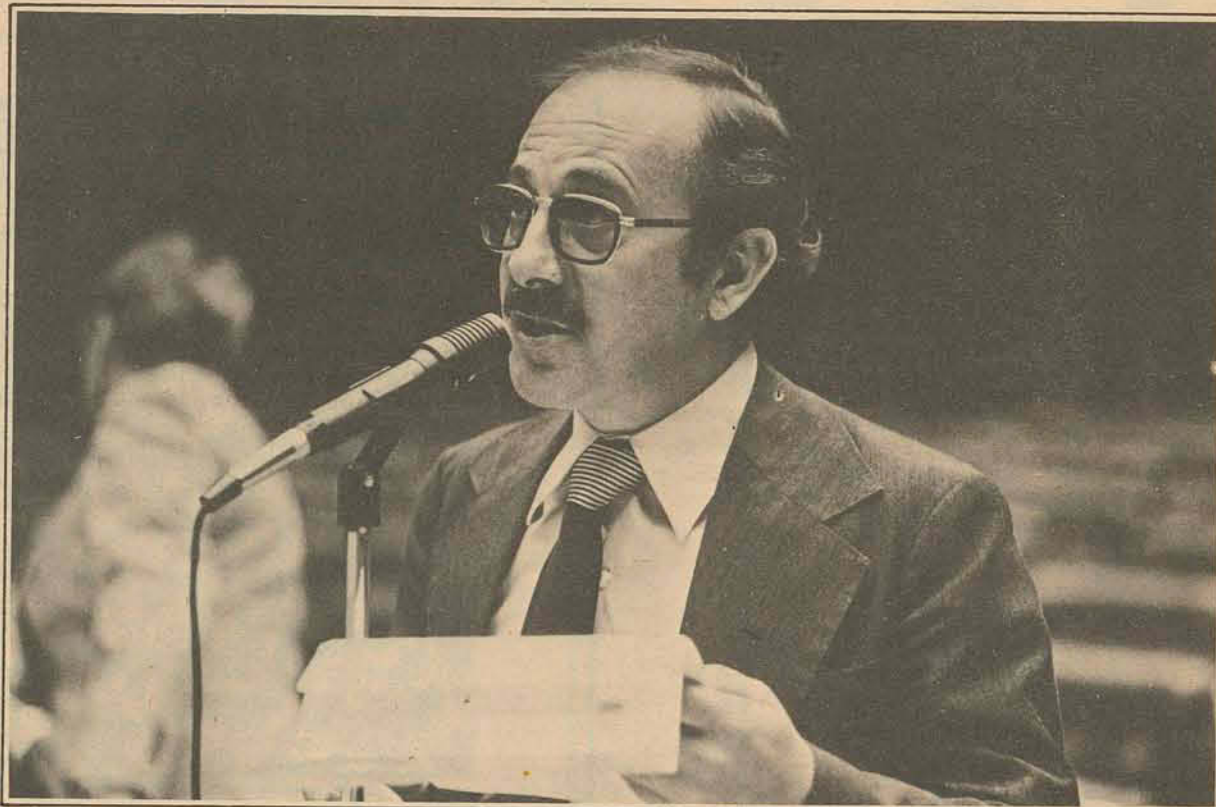
As conseqüências de uma política mais rápida para o setor seriam, segundo Walmor de Luca, o fortalecimento da economia regional através de maior produção e geração de empregos, mas isto somente pode ser viabilizado através de uma política global compromissada com os interesses nacionais, que são muito diferentes dos interesses que regem as decisões oficiais do atual governo, profundamente envolvidas com interesses multinacionais que a muitos servem, exceto aos brasileiros, denunciou Walmor.

MINEIROS SÃO VÍTIMAS

Todo este processo distorcido desemboca também no sofrimento dos mineiros, comentou o deputado. “Sem condições ao menos razoáveis de trabalho eles representam o elo fraco nessa corrente, e os acidentes como o de Urussanga comprovam nosso posicionamento”. Além de cobrar das autoridades uma política efetiva de fiscalização das condições de trabalho o deputado defende maior autonomia sindical para os mineiros, que com suas organizações devem continuar pressionando o governo nas questões trabalhistas que envolvem a atividade do mineiro.

MALDANER SOLIDÁRIO

Casildo Maldaner, colega de bancada de Walmor, manifestou solidariedade aos mineiros do Sul do estado e culpou, em parte, a Delegacia Regional do trabalho pelo acidente, pois a seccional do Ministério do Trabalho não vem



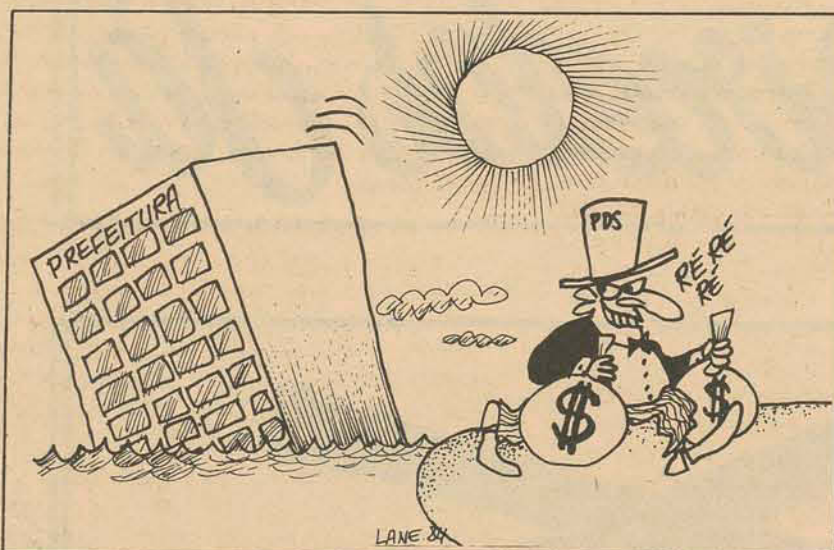
Walmor exige segurança para o trabalho dos mineiros

apresentando eficiência na fiscalização das condições mínimas de segurança e higiene para o trabalho nas minas. Os argumentos de que os recursos são escassos não encontram justificativa, frisou Maldaner.

COMPROMISSOS NACIONAIS

As saídas para o carvão brasileiro, tanto na exploração como no aproveitamento tecnológico do mesmo junto à sociedade interna e na exploração somente são possíveis atra-

vés de um governo compromissado com os interesses nacionais, declara ainda Walmor de Luca, asseverando que se os bilhões de dólares gastos no programa nuclear implementado pelo “ditador Geisel” tivessem aplicação no desenvolvimento do setor carbonífero, o panorama energético e social do país seria bem diferente, pois hoje não necessitaríamos importar carvão da Colômbia e muito menos continuar pagando juros na dívida externa sobre empréstimos inúteis, como os do acordo nuclear.



Vveja o dilema: se o PMDB for ao Colégio e o Maluf ganhar, o Colégio fica legitimado. Se o PMDB ganhar, não vai querer abrir mão da legitimidade de sua própria vitória.

Assim o Colégio continuará existindo. Por outro lado, se ninguém for lá no dia 15 de janeiro, ele desaparece.

Prefeitura de Canoinhas quase naufraga por despesas irregulares feitas pelo PDS

O prefeito de Canoinhas, José João Klempos, eleito pelo PMDB no último pleito, após ter denunciado sucessivas irregularidades cometidas pelo seu antecessor, Nabor Fuck, do PDS, conseguiu, recentemente, trocar um pesadelo administrativo por um mau presságio passageiro. Passageiro a um custo elevado, mas passageiro. Trata-se do contrato firmado por Fuck, em nome da prefeitura, com a BANESTADO Leasing S.A. — ARRENDAMENTO MERCANTIL, em torno de uma Varredoura e um Coletor de Lixo.

Pelo contrato, firmado há apenas três meses da posse do novo prefeito, Canoinhas teria que pagar aproximadamente um bilhão de cruzeiros em sessenta parcelas mensais, por um equipamento que valia, no máximo, 18 milhões de cruzeiros.

A intencionalidade do contrato era comprometer e inviabilizar a atual admi-

nistração. À época todos sabiam que a prefeitura de Canoinhas já tinha destino certo — PMDB.

Klempos conseguiu provar as irregularidades do contrato e renegociou a dívida para Cr\$ 96.184.039,88, e acertar o compromisso para ser liquidado em quatro parcelas de Cr\$ 24.046.009,97.

IRREGULARIDADE FLAGRANTE

O principal detalhe que prova a irregularidade do contrato firmado por Fuck é a sua data de assinatura, 19 de novembro de 1982, quando todos já conheciam o resultado da eleição. Na prática vale dizer que o golpe estava armado desde antes do resultado e que o PDS local, com o pensamento fora de órbita, julgou que alguma chance ainda teria no pleito e aguardou o resultado. Tanto pior. Além da derrota arcam agora com mais esta denúncia pública.

Mortes em Urussanga

Tragédia possível ou fatalidade?

* TEREZINHA CASCHO VOLPATO

Já é de conhecimento de todos a tragédia que aconteceu na CCU (Cia. Carbonífera Urussanga), em Urussanga, SC. Na madrugada de 10-9-84, a 70 metros de profundidade e 2.000, aproximadamente, encosta adentro, violenta explosão pôe fim à vida de 31 mineiros, deixando viúvas a chorar por seus maridos; órfãos a chamar por seus pais; irmãos, pais, parentes e amigos mergulhados na dor. A comunidade de Santana está toda em luto, pois que ali não há um só morador que não tenha sido atingido pela explosão.

Acidentes desta gravidade mobilizam órgãos estatais, companhias mineradoras, sindicatos, instituições sociais, todos empenhados na busca dos culpados para apresentá-los à sociedade, numa atitude justiceira e de desagravo. O ato final será, possivelmente, a punição aos "desafetos" que não impediram tamanha tragédia. Ato que merece todo apoio, pois a justiça deve ser feita e a sociedade precisa ser desagravada.

Contudo, a questão não é tão simples e pretensas soluções de desagravos públicos não significam a superação da insegurança e o saneamento do ambiente de trabalho. As condições insalubres, causas que arruinam a saúde e que vitimam fatalmente os trabalhadores não são exorcizadas e quais demônios tomam posse do corpo dos mineiros, sob forma brutal de acidentes, ou, sob forma lenta, mas implacável de doenças, até o dia em que um atestado os desqualifica para a mineração. Sem condições para produzir estão entregues a precárias condições de vida: doença, desemprego, fome, nenhuma esperança de vida.

ORIGENS DO PROBLEMA

Ao analisarmos tão grave acontecimento e fatos, convém considerá-los à luz dos aparelhos de segurança do trabalho, e de seu desempenho efetivo.

A legislação trabalhista no Brasil resultou, em relação à mesma legislação em outros países, em muito mais outorga e tutela do Estado que conquista das próprias classes trabalhadoras. Algumas categorias, em épocas determinadas tiveram a experiência de lutas e conquistas, porém, a grande maioria não.

Com a outorga da legislação trabalhista e a tutela do Estado sobre as classes trabalhadoras, submetendo-as ao Ministério do Trabalho, limitou-se a prática política de conquistas de direitos e segurança do trabalho pelas categorias profissionais. A outorga alienou política e ideologicamente os trabalhadores; primeiro, porque foram habituados a não lutar por seus direitos, já garantidos por lei; segundo, porque desconheciam a "dádiva" que lhes asseguravam tais direitos.

A par desse fato histórico, há outro, dinâmico e sempre atual, que torna a legislação, na prática, letra morta. A legislação pode até privilegiar o trabalho frente ao capital, porém, o que define as reais posições que ocupam os trabalhadores são as condições materiais objetivas das relações do processo de trabalho. Tais relações submetem o trabalho ao capital e anulam, na prática, a superestrutura jurídica de proteção ao trabalho.

RISCOS PRESENTES

Há determinados ramos industriais, como a mineração do carvão, que se apresentam com alto grau de instabilidade. O desenvolvimento industrial técnico e científico não eliminou os riscos que ameaçam a saúde e a vida de milhares de mineiros, que operam com riscos constantes à sua vida. A legislação trabalhista é incompleta ou ineficaz, não indo

além da tutela do trabalho. Tenta apenas minorar as consequências maléficas do ambiente e das condições do trabalho no subsolo.

A isso se acrescenta a inoperância política de segurança adotada pelas empresas e, no caso, pelas companhias carboníferas. Estas contratam os agentes de segurança para as minas. Tais agentes deveriam deter conhecimento técnico geral sobre a legislação de segurança e higiene do trabalho e conhecimento técnico específico sobre estas questões, na mineração.

A maioria dos técnicos de segurança não recebe a formação específica. A falta de treinamento é agravada pela carência, quase total, de poder para decidir e fazer cumprir sobre questões de segurança no processo de produção. Falta-lhes poder de mando, por várias razões: por um lado carecem de conhecimento técnico específico; por outro, a companhia não lhe delega poder de decisão; falta-lhes também crédito e confiança dos mineiros em razão das falhas que a equipe de segurança vem apresentando em seu desempenho; e, finalmente, pelo fato de serem também seres assalariados da companhia não lhes é conveniente colocarem questões que onerem as empresas, com exigências de proteção ao trabalho, e eles precisam se manter empregados.

COMISSÃO EMPRESARIAL

Outra questão a ser considerada nas relações de produção é a que diz respeito aos equipamentos coletivos, de proteção ao trabalho. É comum as empresas responsabilizarem os trabalhadores, individualmente, pelo uso dos equipamentos de proteção e segurança como: máscara, capacete, botas, proibições de fumo etc. Porém, as empresas se eximem de proverem as frentes de serviço com equipamentos coletivos de segurança e higiene do trabalho, normalmente mais eficazes que os individuais, embora não dispensáveis. Equipamentos como: sistema eficiente de ventilação, perfuração com aspersão, cuidadosa manutenção da rede elétrica, colocação de placas e cartazes sinalizando perigo, definindo posturas, comportamentos, hábitos no subsolo etc.

Houvesse maior segurança nas minas o quadro de acidentes seria outro. Embora esse quadro não seja divulgado, os acidentes fatais se sucedem em silêncio, mas não sem menos dor que a explosiva tragédia do dia 10 de setembro. Em 79 houve 12 mortes nas minas de carvão. Em 1980, 13 mineiros perderam suas vidas. A essas mortes devem-se somar as mutilações do corpo, como perda de membros, da visão, queimaduras deformantes. Em 1980 o índice de acidentes atingiu 24%. Esta cifra coloca a mineração na liderança de acidentes do trabalho no Estado, ficando 7% acima da indústria madeireira, que é a segunda colocada nessa trágica relação.

O descuido na formação da mão-de-obra para a mineração contribui com o quadro da dilapidação da força de trabalho. Os mineiros baixam à mina sem nenhum treinamento específico. Desconhecem o tratamento que devem



dar a si próprios, aos companheiros de trabalho, às máquinas e equipamentos, ao ambiente de trabalho, enfim. São unânimes em afirmar que aprenderam o serviço olhando e fazendo; que nunca tiveram treinamento algum. Dentre os acidentes, em 1980, 54% ocorreram com mineiros, que estão no subsolo há menos de um ano, e 91,5% dos acidentes aconteceram com trabalhadores que estavam a menos de 5 anos nas minas. Convém considerar que este contingente de operários com menos de 5 anos de mineração representa apenas 36% do total da mão-de-obra empregada na extração do carvão.

NÚMEROS SOMBRIOS

O aprimoramento tecnológico da mineração é outro fator que agrava as condições de higiene do trabalho. A tecnologia aumenta a produtividade ao alto preço da dilapidação mais vigorosa da força de trabalho. Estatísticas médicas denunciam que o "progresso" se faz em cima de agravamento das doenças profissionais. Se entre os anos de 1969 a 1976 os índices de pneumoconiose se estabeleciam entre 8 a 10%, a partir de 77, com a mecanização das minas, os índices se elevaram e hoje se apresentam acima de 15%.

Convivemos com práticas produtivas e políticas que desconhecem a segurança e a higiene do trabalho. Em contrapartida, as práticas que garantem os objetivos de produção e lucro se impõem soberanas, levando de roldão, em sua trajetória desenfreada, a saúde e a vida de milhares de trabalhadores.

TRABALHADORES INSEGUROS

A classe trabalhadora amordaçada e desmobilizada, historicamente, por mecanismos eficientes como: intervenção em sindicatos, fim da estabilidade no emprego, instituição da rotatividade, desemprego e arrocho salarial, não encontra formas de lutar contra sua dilapidação implacável, carece de mecanismos eficazes para exigir mais segurança e respeito aos direitos trabalhistas.

Quando acontece uma tragédia como esta, que envolve instituições sociais, nos movimentos populares e a opinião pública surge a dúvida: há perspectiva de mudança desse quadro? Ou, o tempo, mais uma vez sepultará com os mortos a lembrança das precárias condições de segurança e higiene do trabalho que persistem e se agravam nas minas de carvão?

TEREZINHA GASCHO VOLPATO — Professora de Sociologia do Trabalho da UFSC. Autora do livro: *A pirita humana: mineiros de Criciúma*, editado em setembro do ano em curso pela editora da UFSC e Assembléia Legislativa de Santa Catarina.

Um governo indireto terá "peito" para resolver nossos problemas?

Indústria têxtil de Santa Catarina ameaçada pelo FMI

* José Carlos Vidal

A natureza perversa da política econômica imposta pelo FMI ao nosso país revela-se de forma eloqüente na crise da indústria têxtil. O emprego, a renda, os impostos gerados pela atividade têxtil beneficiam diretamente a dezenas de milhares de catarinenses, e não só no Vale do Itajaí, mas em todo o Estado. Uma boa razão, portanto, para nos preocuparmos com o seu futuro, o qual se afigura, aliás, muito pouco promissor. Em seguida veremos porquê.

O algodão, principal matéria-prima da indústria têxtil catarinense, sofreu um encarecimento da ordem de 580% em 1983. Uma arroba comprada a Cr\$ 6.000,00 em março daquele ano, em dezembro já estava por Cr\$ 38.000,00. A CACEX (Carteira do Comércio Exterior) do Banco do Brasil foi quem induziu essa explosão de preços deliberadamente: servil como sempre às imposições do FMI, o governo decidiu exportar os estoques reguladores do país, cerca de 200 mil toneladas, apesar da safra medíocre que tivéramos.

Uma prática já quase rotineira entre nós: transformar nossas riquezas em dólar a qualquer custo; os credores não gostam de esperar. Resultado: o algodão, que comparecia na composição dos custos de produção do setor têxtil com um peso mais ou menos equivalente ao da mão-de-obra, de um salto passou a pesar o dobro, e até mais.

MÁQUINAS CADUCAS

O parque fabril do setor têxtil corre um grave risco de sucateamento por causa das restrições à importação de máquinas e peças de reposição. Encontramos aqui, novamente, o dedo do FMI, e a sua busca desenfreada de gigantescos **superávits** na balança comercial brasileira. Mais uma evidência de que a prioridade absoluta é parir dólar a ferro e fogo para não irritar os banqueiros de Wall Street e da City.

Esse risco é tanto mais grave quanto mais importante se torna para o setor têxtil a demanda externa. Obsolescência tecnológica nesse terreno significa perda de competitividade, como sabem muito bem nossos ministros. E ninguém ignora que já são muito baixos os atuais níveis de eficiência do nosso equipamento.

Ainda colocamos produtos têxteis no exterior graças à superexploração da mão-de-obra e aos subsídios governa-

mentais. Não fora isso, estaríamos excluídos. Entre outros motivos, porque o preço da matéria-prima brasileira é superior ao praticado lá fora, e isso se estende inclusive às fibras sintéticas.

FATURAMENTO EM BAIXA

A retração da demanda interna de produtos têxteis prossegue. O seu declínio acumulado desde 1980 é hoje da ordem de 40%. Apenas no primeiro semestre deste ano a queda nas vendas foi de aproximadamente 10% em comparação com igual período do ano passado, já bastante deprimido, diga-se de passagem. A causa determinante não é outra senão o desemprego e o arrocho salarial que o FMI esmera-se em agravar em nosso país. E os efeitos recessivos dessa perda de poder de compra da população não têm como ser compensados pelas exportações.

Mesmo as grandes empresas do setor, comumente as mais preparadas para a comercialização no exterior, mesmo elas sabem que esse recurso é um mero paliativo. Foi o que deixou claro recentemente o próprio presidente da Artex, Carlos K. Zadrozny, ao definir a exportação como uma saída de emergência.

Para dar-lhe razão basta ver do que mostraram ser capazes os Estados Unidos agora mesmo, em matéria de protecionismo. Incentivado por industriais têxteis dos estados sulistas, importante manancial de votos republicanos, Reagan instituiu sobretaxas ditas compensatórias para têxteis tidos como infratores do Sistema de cotas. Aplicadas em sua plenitude, essas normas acarretarão a perda de pelo menos 50 mil empregos diretos na indústria têxtil do Terceiro Mundo.

Vinte e oito países reunidos em meados de agosto último, denunciaram os Estados Unidos junto ao GATT (*Gene-*

ral Agreement on Tariffs and Trade), sustentando que aquele país violara o "Acordo Multifibras", o regulamento do comércio internacional de produtos têxteis.

DE PIRES NA MÃO

No Brasil, inclusive em Santa Catarina, há quem veja nessa conjuntura uma vantagem para os nossos têxteis, os quais teriam assim ampliada a sua presença no mercado norte-americano, ocupando algumas porções do espaço deixado pelos produtores do Extremo Oriente (Hong Kong, Taiwan, Coréia do Sul, entre os principais, sem esquecer a própria China Popular, que até já ensaia represálias no terreno das compras de cereais).

Valer-se da desgraça alheia para tirar discutíveis proveitos de curto prazo está longe de constituir uma diretriz confiável para um setor de tanta importância como o têxtil, compreendendo mais de quatro mil empresas em todo o país e cerca de 400 mil empregos diretos. Nestas circunstâncias, não admira que esteja com uma taxa de ociosidade de 30% e uma massa de desempregados sem precedente.

O LUCRO É DOS BANCOS

A deteriorização dos preços internacionais dos nossos produtos têxteis constitui outro importante fator de incerteza para os que se aventuram a negociar lá fora. Amostra disso foi o primeiro trimestre de 1984: enquanto o volume das exportações de tecidos de algodão cresceu de 80%, o seu valor aumentou de apenas 70%.

Como se não bastassem esses flagelos, o setor têxtil padece ainda dos extorsivos custos financeiros praticados em nosso País. Com o agravante de que, mesmo caro, o capital de giro escasseia e ameaça de estrangulamento as empresas que, adquirindo insumos faturados a 30 dias, têm de vender seus produtos a 60 e 90 dias.

Para a indústria têxtil catarinense a tudo isso se acrescenta o tremendo prejuízo das enchentes; os empréstimos de emergência repassados pelo Banco do Brasil ficam longe de atender as suas necessidades mais prementes. Deambulhada, há espectro do êxodo desses estabelecimentos, em resposta à incúria das autoridades estaduais e federais no

enfrentamento do problema das inundações.

A situação é verdadeiramente caótica. E não há solução à vista. Transformado em artigo para ricos, o algodão tende a permanecer nesse estado durante muito tempo. E as exportações podem se complicar mais, em função da recaída da economia norte-americana, prognosticada para 1985 até mesmo por altos funcionários do governo Reagan.

O desemprego, mesmo cedendo quando retomarmos o crescimento, continuará certamente elevado. Porque a tendência predominante na indústria têxtil de todo o mundo favorece soluções do gênero "capital intensif". Mantido o atual modelo de acumulação no Brasil, será inevitável portanto a automatização acelerada da nossa indústria têxtil, com redução drástica do contingente de mão-de-obra empregado.

TRABALHADORES QUE SE CUIDEM...

Às empresas, de imediato, resta o recurso a expedientes de emergência, como no caso da *Tecanor Têxtil Catarinense do Nordeste*, filial pernambucana da Hering de Blumenau. Ela firmou acordo com os seus empregados para reduzir de 25% a jornada de trabalho, garantindo igual redução nos salários. Outro recurso de emergência é a fórmula de importar algodão em regime de *drawback* (forma de incentivo que consiste na restituição aos importadores dos direitos alfandegários dispendidos na importação do insumo), pleiteada, entre outros, por Ivo Hering, Presidente do Sindicato das Indústrias de Fiação e Tecelagem de Blumenau.

Aos trabalhadores do setor têxtil, vítimas preferenciais da crise, resta a certeza de que, mais do que nunca, dependem da sua própria força de mobilização para não sucumbir. Não há outro meio para se defender com eficácia das engenhosas tentativas dos patrões de socializar suas perdas. Afinal, o FMI está aí é pra isso mesmo.

*Além do confisco salarial da Lei nº 2.065, além da erosão inflacionária que vem sofrendo o seu poder de compra, o trabalhador da Tecanor tem ainda de suportar o corte de um quarto dos seus rendimentos.

Tem gente com medo de que o governo bloqueie qualquer emenda a favor das Diretas Já. Por que eles acham que o governo vai deixar passar Tancredo pelo Colégio Eleitoral?

O governo não quer eleição de modo algum, mas aceita o Tancredo Neves. Muito suspeito!

Governo omissivo mata por antecipação flagelados das enchentes que virão.

Todos nós trazemos na memória a fábula "A cigarra e a formiga", onde a primeira punha-se a cantar no verão e debochava da formiga que trabalhava incessantemente acumulando provisões para o inverno. O desfecho também o temos na memória.

Em Santa Catarina estamos observando um fenômeno semelhante. As formigas são as prefeituras e os habitantes dos municípios atingidos pelas enchentes. Estes estão preocupados e trabalhando para evitar o pior nas próximas chuvas da passagem do ano, quando, provavelmente, volume de água semelhante ao precipitado em janeiro e agosto deste ano irá inundar a mesma área.

No papel de cigarra estão o governador do Estado, Esperidião Amim e o ministro do Interior, Mário Andreazza. Ambos omitem-se nas providências necessárias para conter o processo arrasador

das cheias. Na hora da catástrofe já sabemos o papel que vão assumir. Amim, de avião ou helicóptero, sobrevoará a região e dirá: "A situação é catastrófica, desoladora, mas a culpa é do governo federal, que não enviou os recursos necessários".

Andreazza, do alto de sua incompetência, dirá que "estou solidário com os flagelados, e todos os esforços necessários para aliviar o sofrimento das vítimas já estão sendo providenciados". Mas, ao contrário da fábula original, não sucumbirão, ficarão do alto assistindo ao afogamento das formigas.

Não parece uma fábula de terror?

Para ilustrar este conto trágico colocamos um depoimento do prefeito do Rio do Sul, no Alto Vale do Itajaí, que após ter seu município literalmente arrasado pelas águas, luta, contando principalmente com a população, para que a catástrofe não se repita.



As eleições diretas não são impossíveis. Além da Emenda Theodoro Mendes, que restabelece o pleito direto, podemos implodir o Colégio pela não regulamentação de seu funcionamento e também pela negação de *quorum* que é a ausência de seus membros. Para isto basta exigir que seu representante não vá ao Colégio Eleitoral!



“A Coragem de recomeçar”

“Esperamos que as autoridades, tanto estaduais como federais, tomem as providências necessárias e imediatas, no sentido de equacionar a situação das cheias no Alto Vale do Itajaí. Para que isto venha a acontecer, atuaremos de forma veemente, não só cobrando-lhes, mas também denunciando-os”, declarou Danilo Schmidt.

Segundo o prefeito “Queremos soluções. Que não se façam apenas planos, não se efetuem somente os levantamentos, mas que, efetivamente, o Governo Federal, a quem cabe a responsabilidade inclusive por norma constitucional, tome providências para, senão eliminar de uma vez por todas este tipo de flagelo, pelo menos, diminuir as suas conseqüências”. Estaremos atentos para que as autoridades não se furtem ao compromisso com a comunidade do Alto Vale do Itajaí, e principalmente de Rio do Sul.

Não podem os rio-sulenses continuar com este tipo de flagelo, única e exclusivamente pela falta de providências por parte das autoridades responsáveis.

“NÓS APRENDEMOS MUITO COM A ÚLTIMA ENCHENTE”

Perguntado como a Prefeitura de Rio do Sul pôde desenvolver tão eficiente trabalho ante a calamidade pública que novamente se abateu sobre a cidade, o Prefeito Schmidt disse que “Nós aprendemos muito

com as enchentes de 83. Após termos colocado a cidade em ordem, estudamos o que tínhamos feito de errado, corrigimos, e nesta, colocamos em prática. Como, por exemplo, a distribuição de sacolões de alimentos, no ano passado, era feito em filas, entretanto, nesta, fomos de casa em casa. Esta medida surtiu efeito, e agora estamos tentando junto a Secretaria da Justiça e à CEDEC para que continue o fornecimento da alimentação necessária para que a população de Rio do Sul seja atendida. Acreditamos e defendemos este ponto de vista, uma vez que, de uma forma direta ou indireta, novamente toda a comunidade foi atingida, e por isto ela merece.”

“Nós recebemos da Comissão de Defesa Civil do Estado, sediada em Florianópolis, 5.251 sacolões. Destes confeccionamos 1.833 sacolões, totalizando 7.084 sendo que todos foram distribuídos.

Além de atender a nossa comunidade, prestamos auxílio com alimentação aos municípios de Agronômica e Laurentino.”

NOVE BILHÕES DE PREJUÍZOS

Sobre os prejuízos no município, o Prefeito Danilo Schmidt comentou que está elaborando uma pau-

ta que foi entregue pela Secretaria de Obras de Rio do Sul ao GAPLAN, para que este relatório, uma vez entregue, seja juntado aos dos demais municípios atingidos, para que através do Conselho de Reconstrução dos Estados, sejam destinados aos órgãos competentes, a fim de serem liberadas verbas para a reconstrução.

“Nós tivemos um prejuízo aproximado de 9 bilhões de cruzeiros o que demonstra, efetivamente, que fomos muito atingidos.

O nosso interior esta com várias barreiras caídas, não oferecendo condições de tráfego. No entanto, já fizemos desobstrução das estradas da Vala Itoupava, Bela Aliança e Ribeirão do Tigre. As pontes também foram afetadas, uma parcialmente e outras totalmente, mas já demos início à sua recuperação, sendo que já em plena condição de tráfego de pedestre está a da Barra do Trambudo, Rua XV e Barragem, deveremos dar início à ponte do Bela Aliança e logo em seguida, a do bairro Canta Galo.

“No que toca às obras paralisadas durante as cheias, já retomamos a pavimentação da Rua Leopoldo Ledra, no bairro Santana; rua Almirante Tamandaré no bairro Canoas, além de estarmos realizando a “Operação Limpeza da Cidade.”

CPI do PROCAPE abre o túmulo do roubo

Foram 8 bilhões de cruzeiros aplicados em 254 empresas catarinenses, durante nove anos. Parecia um negócio correto, eticamente justificado pela crise econômica que o País vive há anos, mas a CPI do PROCAPE, pedida pelo PMDB há um ano, mostra a verdadeira face das aplicações do dinheiro catarinense: o governo, desde 75, joga os recursos do Programa de Apoio à Capitalização de Empresas nas mãos de grandes grupos; especulam no mercado financeiro e até mesmo pagou com ele, parte dos custos da campanha eleitoral de 1982.

Estes dados estão contidos — e comprovados — no relatório final da Comissão Parlamentar da Assembléia Legislativa, elaborado pelo Deputado Neuto de Conto. Está confirmado que quatro das empresas financiadas faliram (uma delas já estava concordatária quando pediu o dinheiro), há 10 concordatárias, 18 paralisadas e 24 inadimplentes.

Pior, entre as empresas beneficiadas com o dinheiro público e a juros mais baixos estão os grupos Perdígão (do ex-secretário da Fazenda, Ivan Bonato, que beneficiou-se das verbas ainda quando estava no cargo), Usati, Diomício Freitas, Weg, Tupy, Ceval, Hering. Os maiores do estado e alguns entre os maiores do Brasil.

Este saque aos recursos que poderiam auxiliar no desenvolvimento de centenas de pequenas e médias empresas que, sabidamente, geram mais empregos do que as grandes teve objetivos políticos.

CRIME

A CPI do PROCAPE (Programa de Apoio à Capitalização de Empresas, órgão

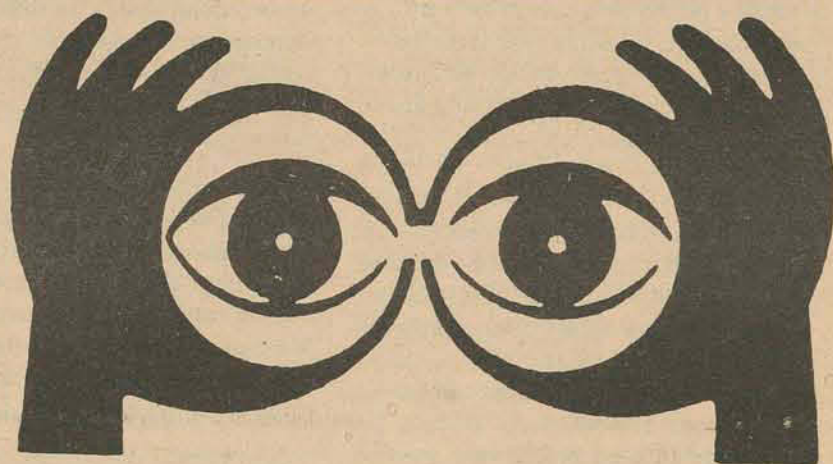
vinculado a Secretaria da Fazenda do Estado) foi pedida há um ano pelo PMDB, quando descobriu-se que o órgão, apesar de gerir 10 por cento do nosso ICM (maior fonte de arrecadação estadual, produto do trabalho dos catarinenses) estava devendo 2 milhões e 700 mil cruzeiros.

O rombo no caixa alertou a Oposição (os homens do governo já sabiam e tentavam abafar o caso). Suspensos os financiamentos, o diretor-superintendente do órgão, José Wellington Machado pediu "um rigoroso exame das contas das administrações do PROCAPE nas gestões Antônio Carlos Konder Reis e Jorge Bornhausen/Córdova. Pura firula, pois ele sentiu que uma CPI estava a caminho, reclamada pela Oposição. Composta por quatro do PDS e três do PMDB, Neuto de Conto, Roland Dornbush e Irai Zilio, a CPI começou a funcionar em outubro de 83.

De Conto, relator, enviou cópias do documento ao Tribunal de Contas e ao Tribunal de Justiça (reproduzimos trechos nesta página) pedindo a responsabilização dos criminosos. A CPI, por pressão dos Deputados pedessistas, em maioria omitiu os nomes dos empresários e grandes e políticos pedessistas ligados às empresas, preferindo uma condenação disfarçada. Apresentou juntamente com o nome das empresas dos grandes grupos, também pequenas e médias, que realmente atravessam dificuldades e que precisariam do apoio estatal, diminuindo o peso da condenação. Registre-se que as pequenas ficariam com a menor parte. E que apenas 58 empresas, em 254 empresas, resgataram o dinheiro tomado. Foram 26 reuniões em quase um ano, 3 mil 447 folhas em 33 volumes e uma só conclusão: nosso dinheiro foi manipulado.

Relatório da CPI do PROCAPE comprova aplicação de dinheiro em propaganda política e financiamento de empresas concordatárias, inadimplentes, paralisadas e falidas.

O grande responsável por estas corrupções é o Senhor Jorge Bornhausen, que hoje é o "embaixador" da Frente Liberal no Estado de Santa Catarina.



OS BENEFICIADOS

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SANTA CATARINA

PARTICIPAÇÃO ACIONÁRIA APROVADA PELO PROCAPE		Nº DA RESOLUÇÃO	DATA DA RESOLUÇÃO	VALOR APROVADO
Perfilados Tupy SA		415/80	19.06.80	9.200.000
Cristais Hering SA		757/82	22.09.82	110.000.00
Metalúrgica Dovat SA		226/78	31.08.78	10.000.000
		240/78	25.10.78	6.000.000
Philippi SA		755/82	22.09.82	64.000.000
Companhia Metropolitana de Shopping Center		626/81	18.12.81	67.000.000
Santinvest SA-SC Empreendimentos e Participações		362/80	11.02.80	910.000.000
Comcap Cia Melhoramentos da Capital		9/76	16.05.76	5.600.000
Eletromotores Weg SA		10/76	16.05.76	6.902.000
Ceval Expot SA - Ind. e Com.		238/78	25.10.78	55.000.000
Usati SA Refinadora Catarinense		503/81	26.01.81	20.999.990
Cedisa - Cerâmica Difrel SA		601/81	14.12.81	67.000.000

Muito dinheiro dos catarinenses nas mãos de poucas e grandes empresas.

Santinvest, como uma grande idéia se transformou num péssimo negócio

O grande sonho frustrado. Santa Catarina, por sua potencialidade, queria um grande projeto siderúrgico, houve unanimidade na Assembléia Legislativa, conseguiu-se trazer pra cá o projeto SIDER-SUL. Depositado nas mãos da administração estadual, entretanto, serviu pra todo tipo de manobra e especulação.

A CPI revelou estes detalhes. Um aporte de 910 milhões de cruzeiros em 1980, na SANTINVEST, deveria ser investido na SIDER-SUL. Mas não havia projeto pra aplicação deste dinheiro. Hoyêdo de Gouveia Lins, presidente da SANTINVEST, depôs na CPI e mentiu — afirmou que este dinheiro viera do Imposto Único Sobre Minerais, do Governo Federal. O desmentido veio do secretário da Fazenda, Nelson Madalena. Os recursos do PROCAPE vêm do ICM.

A SANTINVEST repassou os 910 a SIDER-SUL, especulou no mercado financeiro (os 910 de 1980 devem ser multiplicados por quatro, no mínimo, dada a inflação). Depois acabou emprestando dinheiro ao Tesouro para cobrir rombos nas contas do governo.

E nosso sonho de uma siderurgia forte foi sendo adiado. Os incompetentes que geriram o processo tentaram fazer da SANTINVEST um banco comercial, depois de investimentos, depois de dados e tecnologia, mas não chegaram a qualquer conclusão. Voltaram atrás e retomaram o projeto siderúrgico. Agora entregaram tudo nas mãos do Grupo Tupy, de Joinville, que já é o maior no setor da América Latina. Na certa ele precisa muito do dinheiro dos catarinenses. Os pequenos, como na certa, dentro da tão conhecida política de ajudar os pequenos.

A CPI mostrou o documento "Resolução 747" do Conselho de Administração para propaganda política.

Muitos representantes do povo falam que são pelas eleições diretas e que só irão ao Colégio Eleitoral em último caso. Pergunte ao seu representante na Câmara dos Vereadores, na Câmara dos Deputados e no Senado Federal o que ele tem feito objetivamente a favor das eleições diretas. Faça valer a força do seu voto!

*** TEORIA ***

Sobre o Controle Social

ALAN SERRANO (*)

O regime instaurado pelo golpe de 1964 escreveu a história prospectiva do Brasil, como diz o economista Francisco de Oliveira, mesmo ao arripio dos últimos nacionalistas, dos quadros do capitalismo em suas alianças multinacionais.

Estamos imersos no sistema e contidos nos seus limites. Felizmente, ainda, no Brasil, o sistema não controla tudo. Não se exprime na sua totalidade controladora social. Alguns modos de controle menos refinados parecem ser suficientes, apesar de já haverem reciclagens.

O sistema escolar, o político, o penitenciário, as instituições para menores, a saúde pública, os asilos e hospitais, os órgãos de assistência social e outros aparelhos exercem repressões compatíveis com o grau de desenvolvimento sócio-econômico e de consciência popular.

RESPOSTAS POLÍTICAS

Quando a consciência aumenta e as vísceras do regime se mostram, as instituições da dominação buscam se adequar à nova situação. O uso de uma nova linguagem técnica ou política que não corresponde à realidade é a forma de adequação mais comum. O discurso pronuncia e cristaliza a nova forma de controle, necessária ao novo momento social. As respostas políticas amadurecem dentro do poder. Novos discursos, sobre os antigos, mantêm a situação social imutável, pois só ações práticas reais podem abalar o **status quo**.

Exemplo disso é a discrepância entre os discursos de saúde e a política real, usados pela Secretaria Estadual de Saúde, como mostra a tese do Prof. Alcides Rabelo Coelho, ao estudar a saúde em Santa Catarina.

USO DA LINGUAGEM

Hoje, de modo especial, a máquina do totalitarismo se reorganiza e recicla, frente à mobilização e ao descontentamento nacional. Uso da linguagem oposicionista, codificações estigmatizantes, maniqueísmo, expressões de cunho populista, compartimentalização do saber e do agir: eis os métodos do poder para estabelecer novos discursos. "Democracia é administrar os conflitos", dizem os novos tecnocratas da política. A quantidade de democracia mede-se, pois, na lógica do poder, pela linguagem usada, pelo espaço virtual aberto na imprensa e pela quantidade de partidos e correntes políticas reconhecidas.

Para o nível atual de desenvolvimento capitalista desdobra-se uma realidade institucional diferente. É o fôlego do sistema. É o troca-troca, o sacolão, o novo Código de Ética Médica, a nova constituição proposta por Maluf, os congressos de "democratização do ensino".

As elaborações teóricas de vanguarda ou colocam em crise a estrutura, ou são absorvidas como linguagem puramente ideológica, servindo de álibi à imobilidade presente. Ao serem absorvidas, produzem uma nova fachada ideológica, adequado ao nível de desenvolvimento capitalista e dos enfrentamentos inerentes ao sistema. O exemplo é o da bandeira da reforma agrária, transformada pelo Governo do Estado em "Projeto Fundiário".

Muitos setores, adequam-se a uma participação abstrata nos processos sociais. É

o risco que correm os professores e a ALISC ao crerem no potencial transformador da "democratização do ensino" proposta por Amin.

Buscando depurar-se e diferenciar-se neste quadro de palavras de ordem semelhantes, os setores progressistas correm o risco de radicalizar em palavras mantendo-se inativos na prática, o que seria o outro lado da medalha da cooptação da absorção. O objetivo da modernização do sistema é o de tutelar as novas experiências populares. Inclusive tutelar as manifestações mais organizadas da esquerda, que são experiências mais complexas brotadas das lutas do povo. Facilmente a esquerda corre o risco de ser objeto e também sujeito do sistema.

Quando a velha ideologia punitiva não funciona mais, nada melhor do que uma reciclagem de cores democráticas. Quando a cultura e o pensamento de uma corrente oposicionista se mantêm fechada num grupo, como "contra-cultura", ela não consegue influenciar círculos maiores. Transforma-se na cultura política de um "grupelho". Para alcançar círculos maiores ela precisa de uma ponte para a sociedade, ou seja, uma ideologia capaz de legitimá-la parcialmente nos termos simbólicos da ideologia institucional hegemônica. O sistema, se tutelar esta ponte, terá controle sobre a cultura oposicionista. Assim, não seria surpreendente se daqui a alguns meses, num Brasil mexicanizado, os semanários apresentassem numa vitrine política: "pesquisa: qual das esquerdas você prefere? O socialismo moreno, o socialismo petista, o marxismo cristão, os três comunismos brasileiros, a social-democracia desta ou daquela linha? A democracia tem todas estas opções para o seu bem-estar".

O papel de consumidor é exercido por todos. Assim também consomem-se duas candidaturas presidenciais. Inclusive participa-se de enquetes sobre candidatos não votáveis, como de enquetes sobre o sabão que lava mais branco. Na modernização do sistema cada patrocinador de ideologia que apresente melhor o seu produto, desde que seja de direita, de centro, ou de esquerda. Ocorre o mesmo com os problemas sociais: "você quer colaborar com as secas do Nordeste ou com as enchentes do Sul? Há mil opções para você participar, democraticamente, à vista, a prazo ou em prestações".

Por isso, tudo me leva a crer que a presença visível de uma esquerda radical, perigosa ao sistema e delimitada é necessária ao mesmo sistema. Ela complementa o oficialismo político, é o desvio da norma, a exceção que confirma e reforça a regra. Se não existe, cabe ao sistema criá-la e legalizá-la. Imaginá-la e divulgar sua imaginação necessário.

Na manifestação social se tenta, hoje, transformar a experiência alternativa em comportamento comum, como concessão do poder. A ideologia-realidade é doada ou permitida sob os auspícios do poder. Vive-se a realidade produzida, a ideologia tornada real.

Recriar-se, na análise e no convívio com o povo, é a tarefa dos arautos do progresso. Os modelos teóricos consumíveis são tentações a serem profundamente repensadas.

* Alan Serrano, médico-psiquiatra de Santa Catarina

Assinatura grátis

Lutas da Maioria, um jornal "ao seu inteiro dispor", pode chegar em sua casa pelo correio, tudo de graça.

Mande seu nome e endereço.

Nome _____

Endereço _____

Cidade _____ CEP _____

Remeta para Lutas da Maioria

Caixa Postal 1295
88.000 FLORIANÓPOLIS -- SC.

SOMBRIO

O Município de Sombrio, distante menos de 300 quilômetros de Florianópolis, é um dos maiores produtores de calçados do Estado.

Os trabalhadores, cansados da exploração que sofrem, decidiram dizer um "basta" e desencadearam uma greve, que serviu também para alertar sobre o regime de escravidão que enfrentam.

Greve dos calçadistas denuncia escravidão no Estado

A recente greve dos calçados de Sombrio, no Sul do Estado, se não servisse para melhorias salariais, apresenta-nos a denúncia do regime de semi-escravidão a que são submetidos os trabalhadores nestas indústrias montadas distante de outros centros industriais para explorar, mão de obra barata e ter preços competitivos no mercado exterior.

O regime de trabalho mantido naquelas indústrias faria inveja ao mais truculento patrão europeu do século passado, ou a qualquer senhor de escravos do tempo do império.

Por exemplo, na empresa Tiscoski e Rosa Ltda, os trabalhadores, em sua maioria rapazes e moças, com idade que varia de 12 a 20 anos, assinam folha de pagamento em branco e tem descontados de seus salários dez, vinte mil cruzeiros, e que não lhes é explicado o porque. Quando faltam e apresentam o atestado médico, o encarregado o rasga à sua frente, manda descontar o dia, o repouso remunerado e suspende o crédito na cooperativa de abastecimento por uma semana. Numa fábrica em que tra-

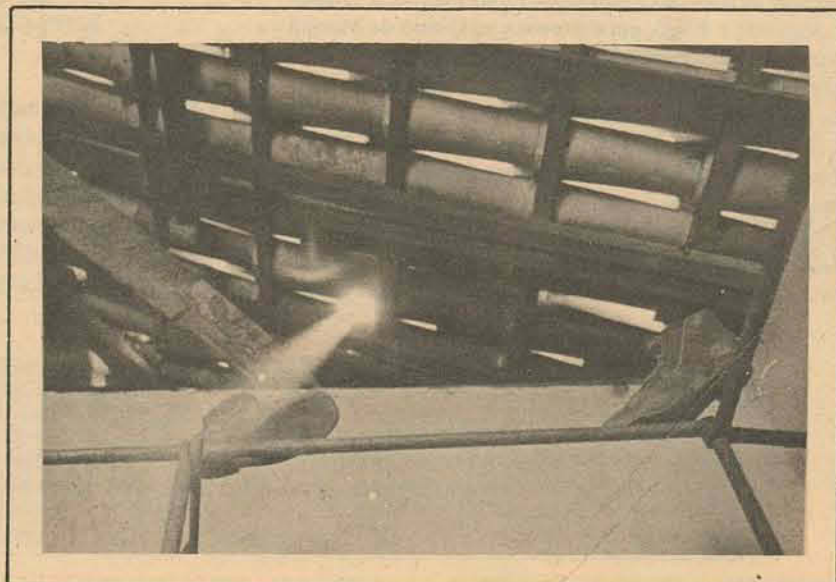
balham mil e trezentas pessoas, não existem bebedouros de água, apenas um menino com um carrinho de mão leva a água até o local de trabalho de cada um, naturalmente gastando todo o expediente para chegar a todos.

Cada pessoa pode ir uma vez só ao banheiro e, se demorar, toca um despertador denunciando o infrator da norma de fazer "xixi" o mais rápido possível. Todos trabalham em pé. Sentar, só em casa. Nem mesmo nos cinco minutos destinados ao café.

Já na empresa Jurema, cujos trabalhadores entraram em greve depois, a direção convocou todos os operários (nenhum tem a carteira do Ministério do Trabalho assinada); para propormos que se não entrassem em greve seriam adiantados 15 por cento da correção salarial de novembro, e, quando um operário interpeleu o patrão perguntando quando seriam assinadas as carteiras foi sumariamente demitido.

Mesmo sem sindicato, espontaneamente os trabalhadores pararam. Pararam por não suportar mais.

* * * * *



A GUERRA PELA TERRA

Durante todo o mês de agosto a população de Chapecó esteve com medo de um enfrentamento entre índios e colonos a 15 quilômetros da cidade. O caso acontece em Trentin, área também chamada de Toldo Chibangue, onde vivem 130 famílias de agricultores e 18 famílias de índios Caigangues. São disputadas 80 colônias de terras, atualmente em mãos de colonos. Os índios, expulsos há muitos anos pelas companhias colonizadoras, em especial a Cia. Luce-Rosa e Cia. Ltda. foram se espalhando o perdendo muito de sua cultura. Resistiram apenas cerca de 60 índios que de vez em quando recebem parentes extraviados. Estão todos em situação de grave pobreza.

O ÍNDIO SE LEVANTA

Vendo-se apertados os Caigangues recorreram à FUNAI, Fundação Nacional do Índio, que é órgão do Ministério do Interior. A FUNAI lhes assegurou a posse da terra num total de dois mil hectares. Começou assim uma novela de terror à medida que venciam o prazo para a saída dos colonos. As terras não foram demarcadas, nenhuma satisfação foi prestada aos agricultores e os atritos brotaram. A Igreja Católica, inteirada da questão, ofereceu assistência através da Pastoral da terra (CPT) e do Conselho Indigenista Missionário (CIMI). O bispo de Chapecó, D. José Gomes, alertou a comunidade sobre a possibilidade do conflito e sobre a invalidade das escrituras dos agricultores segundo a Constituição da República. O CIMI levou auxílio, comida e medicamentos aos Caigangues, auxiliando-os na retomada de sua cultura, através de um serviço de antropologia.

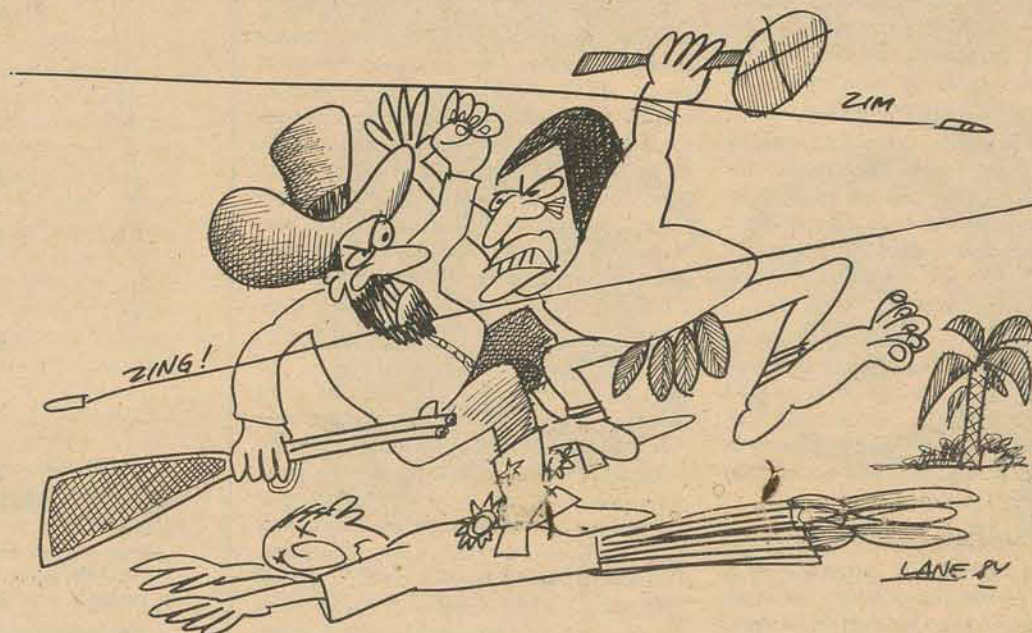
A Pastoral da Terra (CPT) que há anos assessora os pequenos proprietários intensificou a mobilização pela solução dos problemas agrários brasileiros. No dia 25 de julho passado a Pastoral promoveu o "Dia do Colono" em todo o Estado, com muitas reivindicações aos órgãos públicos. Foram levantadas denúncias sobre as irregularidades agrárias e sobre a falta de uma política fundiária e agrícola adequada. Atitudes como esta já vinham desgostando grandes proprietários, capitalistas e políticos governistas há anos na região.

No dia 26 outra manifestação promovida pelo Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra, em frente à sede do INCRA em Chapecó, contou também com o apoio da Igreja. Sem-terras e pequenos proprietários de todos os municípios oestinos pediram a reforma agrária radical, o cumprimento do Estatuto da Terra e uma nova política fundiária e agrícola. Pediram, ainda, a desapropriação dos latifúndios improdutivos de Albérico Azevedo, em S. Miguel do Oeste, da Fazenda Caldato, de Campo Erê e da Fazenda Guarani, também de Campo Erê, áreas de tensão social.

O BISPO: PROFETA OU INCÓMODO?

Mas em Trentin os agricultores não aceitavam a explicação de que as suas escrituras eram nulas perante a Constituição. Segundo o Bispo, em entrevista ao Diário da Manhã de Chapecó "os agricultores não aceitando qualquer orientação da Igreja no sentido de se organizar e lutar por seus direitos ficaram combatendo os índios".

O Deputado Federal João Valvite Paganella (PDS) esteve com os colonos e, desde então, eles passaram a alegar, pelos jornais e rádios que o CIMI estaria incitando os índios contra os brancos. Vereadores do PDS atacaram duramente os índios, alegando que os mesmos "não produzem nem para sustento próprio". A isto fizeram coro alguns indus-



triais, comerciantes e membros da Cooperativa Agrícola local. Temiam perder os fregueses, caso as terras passassem aos Caigangues.

Incentivados por várias personalidades da cidade os agricultores jogaram-se contra o Bispo. O que seria uma concentração pelos seus direitos transformou-se num afrontamento a D. José Gomes e sua equipe pastoral. Após isto os colonos bloquearam as estradas de Trentin e mantiveram-se em plantão. Terminaram pegando um delegado de polícia, que foi investigar o caso, pensando que seria um enviado do CIMI.

Documentos de religiosos e leigos católicos davam conta de que a onda de protestos envolvendo a Igreja buscava um "bode expiatório" diferente do governo para a situação. Paganella, estando com o moral baixo por ter-se ausentado da votação da Emenda Dante de Oliveira, viu, no caso, uma forma de se recuperar: ficaria bem com os colonos e jogaria o povo contra o Bispo. As elites locais sentem-se, há anos, incomodadas pelo Bispo, especialmente após as denúncias que o prelado fez sobre a peste suína, as irregularidades do FINOR (Fundo de Investimentos do Nordeste), a construção das barragens do Rio Uruguai e a existência de 130 mil famílias de agricultores sem terra em Santa Catarina.

OS ÍNDIOS FICAM E OS COLONOS TAMBÉM

Paganella entrou com um projeto de lei na Câmara Federal pedindo a expulsão dos índios do Toldo Chibangue e a proibição de reservas indígenas em Chapecó. Foi apoiado pelo Deputado Estadual Hugo Biehl. Estas influências foram inconvenientes naquele momento, pois incentivaram os colonos a quebrar o diálogo que vinham estabelecendo com a FUNAI. O órgão havia proposto uma saída pacífica, dan-

do 120 hectares de terra aos índios para terminar com a briga. Os índios aceitaram. Os colonos inicialmente aceitaram. Depois voltaram atrás. Seu posicionamento foi qualificado de intransigente pelo Delegado da FUNAI João Darcy Rudgeri, quase fazendo os índios exigirem tudo. Rudgeri conseguiu mostrar aos colonos que estavam mal informados e uma solução provisória foi acertada em torno dos 120 hectares. Espera-se, agora, a palavra final do governo.

Um ato público de apoio a D. José Gomes e sua equipe pastoral reuniu, improvisadamente, cerca de 1.000 fiéis, 70 padres de diversas dioceses e comissões de Sem-Terra do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O ato, dia 31 de agosto, não fora anunciado pela imprensa, mas mesmo assim grande público demonstrou solidariedade ao Bispo, considerando-o vítima de um movimento contra a atuação social da Igreja em Santa Catarina.

UM ALERTA

Os acontecimentos de Chapecó são um exemplo do problema criado pelo modelo fundiário e da falta de ação dos órgãos federais. O descaso diante do problema social de parte do governo gera fome, a miséria e a disputa feroz pelas terras. O governo desfavorece, deliberadamente, o agricultor, para fazê-lo migrar para as cidades. Assim se cria mão-de-obra barata para as indústrias. Crescem as agroindústrias e os latifúndios. Crescem os capitalistas. E crescem as favelas. Só em Lages, por exemplo, há 3 mil famílias de migrantes vivendo em terrenos e áreas verdes da Prefeitura, por terem perdido suas terras.

Este é o destino que o sistema está oferecendo ao nosso agricultor. Destino igual já sofreram os índios. A opção que apresentam é ser jogados na Amazônia, Acre, Roraima e Rondônia, onde é difícil viver com pouca terra. No caso específico de Sede Trentin fica evidente, ainda, a impunidade das imobiliárias e dos cartórios que grilavam, vendiam e escrituravam terras a colonos simples que sofrem hoje os resultados de toda uma tradição corrupta de nossa classe dominante.

Há também os que dizem que "temos de fechar o nariz" para ir ao Colégio Eleitoral. Depois de quase 20 anos de arbítrio não estamos dispostos a aceitar uma democracia mal-cheirosa ou pestilencial. A luta pela abertura inclui também a do nariz!

CANDIDATO DO PMDB À PREFEITURA DE PORTO BELO SOFRE ATENTADO

Última página

CORREIO

Itajaí

30 de outubro de 1.982

Ano 09 - Nº 16

PESQUISA ELEITORAL AFIRMA

JAIISON VENCERÁ



Jaison 47,54%

Amin 37,78%

EDITORIAL

Estamos publicando o resultado de uma pesquisa que levamos a efeito em todo o Estado. Foram consultadas 52.725 pessoas. Nossa equipe subiu morros, visitou favelas, portas de fábricas, ruas, bares, restaurantes, saídas de missas, campos de futebol, casamentos, festas religiosas e até como o foi no caso de Urussanga, sem saber, um aglomerado de um enterro.

Jaison recebeu 47,54% e Amin 37,78%. Até na Capital onde foram consultadas 5.125 pessoas no Estreito, na Universidade, nos terminais rodoviários e na rua Felipe Schmidt, Jaison venceu.

Dos vinte maiores municípios pesquisados Jaison venceu em todos. E nos 20 menores, com eleitorado em torno de 2 e 3 mil, Jaison venceu em 15 e Amin em 5.

A pesquisa foi orientada e realizada pelo nosso diretor pessoalmente.

Ex deputado federal, ex secretário da segurança, ex assessor de ministros, exercendo muitas funções públicas de destaque, nosso diretor Elias Adaime foi nas décadas de 50 e 60 um político catarinense de grande prestígio nacional.

E não será para ser agradável ou para ajudar determinada candidatura que iria comprometer o seu passado político com uma informação forjada. O seu aval dá credibilidade ao nosso trabalho.

Dentro de poucos dias ou ele estará desmoralizado, ou consagrado por haver previsto a vitória de Jaison.

E se você foi um dos 52.275 pesquisados, seja a nossa testemunha pela sua participação na maior pesquisa eleitoral levada a efeito no país, em número de pessoas consultadas.

ESTA FOI A CÉDULA

PESQUISA ELEITORAL

PATROCÍNIO JORNAIS DIÁRIO E CORREIO DE ITAJAÍ

Em Quem Você Vai Votar Para Governador

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> OSMAR CUNHA
PTB | <input type="checkbox"/> LIGIA DOUTEL
PDT |
| <input type="checkbox"/> JAISON BARRETO
PMDB | <input type="checkbox"/> ESPERIDIÃO AMIN
PDS |
| <input type="checkbox"/> JAISON BARRETO
PMDB | <input type="checkbox"/> EURIDES MESCOLOTO
PT |



Arnaldo Schmidt

será o prefeito

Como Jaison vencerá em Itajaí e com a vinculação dos votos, o PMDB elegerá o prefeito.

As pesquisas indicam grande vantagem do candidato Arnaldo Schmidt que deverá ser o eleito.

Os vereadores que já estão com a eleição assegurada, entre outros, são Iraci, Sodré, Terezinha Romagnani, Nazerno Medeiros, Nilo Simas, Teixeira de Melo, Antônio Luiz Vicente, Sabino Anastácio, An

tônio Dias e Nabor Russi.

O candidato à deputado Estadual Amílcar Gazaniga (PDS) deverá ser o mais votado em Itajaí.

Para Deputado Federal, Edison Picolli (PMDB), receberá a maior votação.

Todavia tais votações não acompanharão os votos de Jaison e Amin.

E que haverá pelo menos 20% de votos a mais para os candidatos à governador. Votando o eleitor em branco nos demais cargos.

As Provas



Notas de despesas efetuadas pela equipe.



Material coletado. São 52.725 cédulas.

AQUI GANHA JAISON

Data	Localidade	Eleitores Inscritos	Pessoas Consultadas	Votação Obtida								Percentual	
				Jaison	Amin	Osmar Cunha	Ligia Doustel	Eurides	Branco	Indeciso	Nulo	Jaison	Amin
21 a	25/10 Florianópolis	121.170	5.125	2.222	1.564	30	30	120	434	725	0	43,35	30,51
	25/09 Agrolândia	3.141	177	91	60	0	3	0	15	4	4	51,41	33,89
	10/10 Águas de Chapecô	4.047	179	112	54	0	1	0	4	1	7	62,50	30,16
	23/09 Ascurra	3.061	140	76	29	4	0	0	17	14	0	54,28	20,71
	25/09 Atalanta	2.085	102	50	37	1	1	0	12	1	0	49,01	36,27
	24/09 Balneário Camboriú	15.441	627	331	192	15	9	27	10	0	4	52,79	30,62
18 e	19/10 Blumenau	96.707	4.645	2.430	1.461	26	15	16	114	581	2	52,31	31,45
	17/09 Braço do Norte	8.770	423	210	176	3	4	4	19	6	1	41,87	35,09
	30/09 Brusque	28.586	1.551	845	321	19	22	15	178	134	17	55,06	20,69
	10/10 Caibé	4.179	205	113	57	1	7	2	17	4	4	55,12	27,80
	13/10 Campos Novos	28.450	1.143	556	474	6	4	3	27	70	3	48,64	41,46
	07/10 Catanduva	7.218	301	141	134	3	3	3	13	3	1	46,84	44,51
	11/10 Chapecô	46.812	1.965	834	786	10	24	12	98	193	8	42,44	40,00
	12/10 Concórdia	35.611	877	401	373	1	1	0	29	68	4	45,72	42,53
	07/10 Corupá	5.648	260	121	110	12	2	1	14	0	0	46,53	42,30
04 e	19/09 Criciúma	58.929	2.788	1.391	809	72	103	64	206	106	37	49,89	29,01
	05/10 Curitibanos	21.544	1.005	561	242	11	4	5	68	106	8	55,82	24,07
	10/10 Descanso	7.764	379	231	118	0	4	4	19	1	2	60,94	31,13
	05/10 Fraiburgo	8.691	330	178	103	6	8	7	15	12	1	53,93	31,21
	11/09 Garuva	5.712	188	99	54	5	8	3	18	0	1	52,65	28,72
	17/10 Gaspar	15.679	729	390	295	1	4	1	0	38	0	53,49	40,46
	17/09 Gravatal	6.356	272	124	114	4	2	4	19	3	2	45,58	41,91
	09/10 Guaraciaba	6.574	287	149	114	1	3	3	14	2	1	51,91	39,72
	16/09 Ilhota	6.544	240	129	86	1	5	1	3	17	0	53,75	35,83
	22/09 Indaial	17.431	728	311	240	12	20	17	80	38	10	42,71	32,96
13 a	15/09 Itajaí (1º)	53.387	1.783	814	602	33	29	39	249	7	10	45,65	33,76
22 e	23/09 Itajaí (2º)	53.387	2.270	1.097	719	66	50	56	197	69	16	48,32	31,67
	27/09 Itapema	4.501	180	78	66	1	5	4	15	10	1	43,35	36,66
	25/09 Ituporanga	11.021	461	198	169	3	7	7	42	22	13	42,95	36,65
	07/10 Jaraguá do Sul	30.628	1.187	570	463	39	30	15	61	0	9	42,08	39,00
	06/10 Joaçaba	17.510	823	492	241	17	17	11	24	17	4	59,78	29,28
08 e	09/10 Joinville	136.101	5.895	2.814	1.862	258	221	108	456	131	45	47,73	31,58
	24/09 Lontres	4.473	202	118	69	0	5	2	7	1	2	58,41	33,16
	08/10 Maravilha	12.610	535	266	188	15	13	8	37	8	4	49,71	35,14
	05/09 Navegantes	8.150	157	80	59	3	0	2	6	6	1	50,95	37,57
	27/09 Nova Trento	5.734	213	125	62	1	4	4	9	7	1	58,68	29,10
	18/09 Orleães	22.294	555	293	181	8	10	13	30	21	1	52,79	32,61
	05/09 Penha	5.806	137	71	44	7	3	3	9	0	0	51,82	32,11
	08/09 Piçarras	4.194	207	122	69	3	8	4	1	0	0	58,93	33,33
	07/10 Ponte Serrada	6.745	268	168	80	1	9	2	7	1	0	62,68	29,85
	27/09 Porto Belo	4.970	188	101	75	2	0	0	4	6	0	53,72	39,89
	04/10 Pouso Redondo	6.569	290	166	81	2	6	11	8	12	4	57,24	27,93
	24/09 Presidente Getúlio	6.804	295	134	103	5	14	0	21	11	7	45,42	34,91
	10/10 São Carlos	7.305	304	159	134	1	0	0	7	0	3	52,30	44,07
	17/09 São Ludgero	3.249	121	45	31	6	0	0	21	12	6	37,19	25,61
	09/10 São Miguel do Oeste	21.189	981	529	281	19	20	16	66	33	17	53,92	28,64
	19/10 Siderópolis	7.621	337	167	124	3	3	3	18	12	7	49,55	36,79
	28/09 Tijucas	9.467	453	201	187	7	6	6	10	30	6	44,37	41,28
	22/09 Timbó	11.947	506	240	166	6	17	1	51	19	6	47,43	34,80
	25/09 Trombudo Central	5.025	244	110	105	1	6	6	10	4	2	45,03	43,03
	16/09 Tubarão	50.288	2.146	1.113	769	29	40	20	136	11	22	51,38	35,88
	18/09 Urussanga	14.645	615	309	196	8	9	9	70	20	4	50,24	31,86
	05/10 Videira	18.925	790	445	265	6	9	5	33	27	2	56,32	33,54
	07/10 Xanxerê	16.038	199	85	69	2	11	2	26	1	3	42,71	32,67

AQUI GANHA AMIN

09/09	Araquari	6.412	246	107	111	6	8	3	7	4	0	43,49	45,12
08/09	Barra Velha	7.074	211	45	144	7	6	4	4	1	0	21,32	68,24
27/09	Camboriú	8.158	406	172	174	1	9	9	21	19	1	42,36	42,86
27/09	Canelinha	3.843	185	74	83	8	4	2	3	11	0	40,00	44,86
07/10	Faxinal dos Guedeses	4.260	170	41	64	2	2	7	40	10	4	24,11	37,64
30/09	Guabiruba	4.610	168	71	72	3	9	1	9	2	1	42,26	42,85
08/10	Guaramirim	7.568	108	28	61	7	3	3	5	0	1	25,92	56,48
06/10	Ibicaré	2.815	139	39	72	1	0	0	23	3	1	28,05	51,79
24/09	Ibirama	13.610	620	255	263	8	15	3	67	6	3	41,12	42,41
20/09	Içara	3.968	568	239	241	18	19	7	16	25	3	42,07	42,42
10/10	Itapiranga	14.057	705	131	529	2	1	4	21	14	3	18,58	75,03
19/09	Lauro Muller	18.162	355	104	216	2	7	1	12	12	1	29,29	60,84
10/10	Mondaí	13.727	609	262	325	3	1	2	13	3	0	43,02	53,36
08/10	Nova Erechin	2.014	85	29	52	0	1	0	3	0	0	34,11	61,17
20/09	Nova Veneza	5.562	198	48	109	4	3	1	12	21	0	24,24	55,05
10/10	Palmitos	10.394	460	117	309	3	4	4	19	2	2	25,43	67,17
08/10	Pinhalzinho	6.660	240	103	112	2	11	10	24	15	6	42,91	46,66
05/10	Pinheiro Preto	1.158	56	8	30	1	1	0	7	7	0	14,28	53,57
06/10	Pomerode	9.352	455	169	239	5	3	1	36	0	2	37,14	52,52
23/09	Rodeio	5.411	259	101	112	5	9	3	16	13	0	38,99	43,24
08/09	São Francisco do Sul	12.294	910	282	440	25	26	10	96	11	20	30,98	48,35
28/09	São João Batista	6.747	342	134	172	2	0	3	15	14	2	39,18	50,29
06/10	Tangará	6.909	286	113	134	3	3	4	16	12	1	39,51	46,85

CONSULTADAS 52.725 PESSOAS

PESQUISAS EM ITAJAÍ

A amostragem da pesquisa realizada em Itajaí, é a mesma que foi feita nos demais municípios do Estado. Bairro por Bairro, Distrito por Distrito. É oportuno registrar que os percentuais, são os mesmos. O aumento em favor de Jaison é a tendência do eleitorado que já está se definindo em favor do PMDB.

Verificamos que em Cabeçudas, tradicional reduto da família Konder Bornhausen e residência de muitos presidentes das empresas estatais, Amin venceu.

Data	Localidade	Eleitores Inscritos	Pessoas Consul-tadas	Votação Obtida							Percentual			
				Jaison	Amin	Osmar Cunha	Ligia Doutel	Eurides	Branco	Indeciso	Nulo	Jaison	Amin	
				PRIMEIRA										
13/09	Costa Cavalcanti	53.387	260	108	90	13	7	5	37	0	0			
14/09	Loteamento Muller		151	62	51	0	7	4	25	0	2			
14/09	São Vicente		99	46	32	0	2	2	15	0	2			
14/09	São João		183	93	68	8	1	5	8	0	0			
14/09	Rua Brusque e Tijucas		414	183	132	4	9	12	63	7	4			
15/09	Rua Hercílio Luz		317	157	107	0	0	7	45	0	1			
15/09	Dom Bosco		106	53	34	5	1	1	12	0	0			
15/09	Rua Pedro Ferreira		221	99	74	3	2	3	39	0	1			
15/09	Espinheiro de Cima		32	13	14	0	0	0	5	0	0			
TOTAL				1.783	814	602	33	29	39	249	7	10	45,65	33,76
				SEGUNDA										
22/09	Cordeiros		332	166	104	15	7	6	18	16	0			
22/09	Lar Brasileiro		58	44	9	0	0	0	3	2	0			
22/09	Rua Blumenau		388	186	143	8	2	7	38	4	0			
22/09	Marcílio X Criciuma		883	439	258	24	27	31	86	17	0			
22/09	Estrada de Brusque		141	58	61	5	2	2	11	2	0			
22/09	Barra do Rio		67	33	17	2	4	1	6	4	0			
22/09	Cais do Porto		119	64	37	6	2	1	8	1	0			
23/09	Samarco		60	28	20	3	2	4	3	0	0			
23/09	Cabeçudas		75	29	35	1	1	1	3	5	0			
23/09	São Vicente		91	23	22	2	3	3	12	26	0			
23/09	Salseiros		56	27	12	0	0	0	9	8	0			
TOTAL				2.270	1.097	719	66	50	56	197	69	16	48,32	31,67



Nº 1699

**ADEMAR
BALDISSERA**

PDS Vereador

SÃO MIGUEL DO OESTE

UMA NOVA PROPOSTA

PARA
DEPUTADO ESTADUAL



OTTMAR SCHNEIDERS
PDS

MUNICÍPIOS NÃO PESQUISADOS

Alguns municípios que estavam no itinerário não foram pesquisados. Sempre que estivesse chovendo a equipe seguia em frente. E que não podíamos prever quando o tempo melhoraria e poderíamos ficar vários dias parados.

Foi o que aconteceu em Lages, Rio do Sul, Laguna e Araranguá. Noutros a pesquisa não foi completada, como o caso de Xanxerê e Concórdia, cujos levantamentos foram feitos de maneira insuficiente.

Nomes que atrapalham

Na visita que a nossa equipe fez em todas as regiões do Estado, foram coletados alguns nomes de candidatos que atrapalham, pois o eleitor não saberá escrevê-los.

Wittisch Freitag - PMDB - Prefeito em Joinville
Curt Schurt - PMDB - Vereador em Presidente Getúlio
Najah RahaI - Vereador em Blumenau
Jarvis Gaidisinski - PDS - Deputado
Hans Hochhein - Vereador em Blumenau
Mariamabile T. Badotti - PDS - Vereador em Xanxerê
Ermínio Baumbach - Vereador em Pinhalzinho
Isidoro Babinski - Vereador em Nova Erechin
Edvino Ernesto Schttler - Vereador em Modelo
Wilson Kleinubing - PDS - Deputado
Jorge Klettember - PDT - Prefeito em Gaspar
Benjamim Schotten - PDS - Vereador em Itupuranga
Setembrino Gorczverski - PMDB - Vereador Modelo
Nilson Germano Zomkowski - PDS - Deputado
Herminio Kraschinski - PDS - Vereador Ibicaré
Sergio L. Jaczeski - PDS - Deputado
Eloy Margnestern - PDS - Vereador Catanduvas
Pedro Arno Eckert - PDS - Vereador Pinhalzinho
Darwin Krauspenhar - PMDB - Vereador
Maria Dall'Ollio - PDS - VEREADOR CAMPOS NOVOS
Hedo Patlazaf - PDS - Vereador Concórdia
Lenis Paulo Fransceschet - PMDB - Vereador São Miguel
Laurindo Hagemann - Vereador Águas de Cahpacó
Ottmar Schneiders - PDS - Deputado
Ursinus Schmidt - PMDB - Prefeito Gaspar

Nomes próprios ou sobrenome como Gambá, Salame, Buffet, Ursinus como é o caso de Braulino Salame, PMDB, vereador - Pinhalzinho ou Enio Buffet, vulgo Jacaré, PDS Vereador - Maravilha, proporcionaram aos nossos humoristas o seguinte arranjo -

- No buffet do ursinus, gambá vira salame -

PORQUE O COLONO ESTA CONTRA O GOVERNO

	1980	1981	1982	AUMENTO
Herbicida - Balde	2.200,00	10.100,00	44.656,00	2.029%
Adubo - Tonelada (4-30-18)	7.272,00	23.541,00	61.900,00	839%
Trator - 60 HP	485.000,00	1.300.000,00	3.350.000,00	690%
Oleo Diesel - Tambor	2.400,00	5.000,00	16.800,00	700%
PREÇOS DE PRODUTOS				
Milho (saco)	900,00	900,00	1.000,00	10 %
Soja (saco)	600,00	1.100,00	1.900,00	32 %

QUADRO COMPARATIVO - Empobrecimento e descapitalização do agropecuarista

- 1) Em 1980 com 2,6 sacos de milho se comprava um balde de herbicida hoje precisa 44 sacos de milho para comprar o mesmo herbicida.
- 2) Em 1980 com 9 sacos de milho se comprava uma tonelada de adubo Hoje precisa 62 sacos de milho para comprar a mesma tonelada.
- 3) Em 1980 com 539 sacos de milho se comprava um trator de 60 HP. Hoje precisa 3.300 sacos de milho para comprar a mesma máquina.
- 4) Em 1980 com 3 sacos de milho se comprava um tambor de diesel Hoje precisa 17 sacos para o mesmo tambor.
- 5) Em 1980 os juros bancários para custeio eram 15% ao ano. Hoje os juros para custeio da lavoura são de 45% ao ano.

RECORDAÇÕES DE VIAGEM

Elias Adaime

MAIORIA DO ELEITORADO SÓ CONHECE OS DOIS CANDIDATOS JAISON E AMIN

Na visita que fazíamos aos municípios eu tinha uma preocupação: Verificar a popularidade dos candidatos do PDT-PT e PTB.

Em Chapecó, no Hotel onde estava hospedada a equipe, nenhum funcionário sabia o nome dos 05 candidatos. O mesmo ocorreu em São Miguel do Oeste, Curitiba, Joaçaba, Criciúma, Tubarão e Rio do Sul.

Em Ponte Serrada, o Adão, que é irmão do candidato à Vereador pelo PMDB, Sebastião Bueno, que reside no Distrito de Guaporezinho, pediu-nos uma cédula da pesquisa onde estão impressos os nomes dos cinco candidatos ao governo, "para mostrar pro povo que só sabe do seu Jazon, e Armin".

Não é só na classe humilde que a ignorância dos outros 03 nomes é notada.

Em Luzerna, Município de Joaçaba, encontrei dois amigos, Waldomiro Dalla Lana e Arlindo Tomaz Sacoll, que também não sabiam os demais nomes dos candidatos ao governo.

Em Nova Erechim, o candidato à Vereador pelo PDS Agenor Girardi é genro do candidato à Vereador pelo PMDB, Olímpio Simoni. Dizem que a sogra é que vai decidir a votação da família. Com um rolo de macarrão na mão ou na cabeça de quem dela discordar.

Estávamos almoçando em Maravilha quando entra o Antônio Piquete, velho amigo de lides políticas que como todo o bom candidato dava tapinhas nas costas de todo mundo.

Quis pagar-me o almoço. Não aceitei. Avalio por experiência própria o quanto custa ser candidato...

Fui na Prefeitura visitar o meu velho amigo e atual Prefeito, Ivo Tomas PDS, mas ele não estava. La mentei não abraça-lo já que fazem alguns anos que não o vejo.

Num posto de gasolina encontrei o amigo Antônio Domingos Debastiani, madeireiro que tinha apostado 500 mil cruzeiros no Jaison, com o agricultor Zanêla. O dinheiro estava casado na mão do Prefeito Ivo Roman. Foi a única aposta concreta da qual tomei conhecimento em todo o Estado.

Em Piçarras, de cada dez pessoas abordadas na rua, cinco eram turistas.

Mesmo fora de tempora da Piçarras abriga um batalhão de visitantes. Bons ressaigos.

Em Descanso, domingo pela manhã a equipe foi pesquisar na saída da misa. Conteí 29 automóveis, só um com propaganda, era o carro DJ - 0566.

Na lanchonete ao ser pesquisado o alfaiate João Batista da Silva, disse que morava em Joaçaba e estava visitando o irmão. Solenemente, declarou "Vou votar em Joaçaba. Se é para a democracia ser restabelecida volto até a pé. A mudança é necessária para que possa ser feita a alternância do Poder, dando oportunidade ao povo de renovar os quadros administrativos do País".

Isto é matéria para ser dita no Congresso Nacional.

Em Curitiba procurei o meu amigo Vilmar Ortgari que é o atual Prefeito (PDS). Pedi a um sergente que me anunciasse a sua secretária pois ele não estava na Prefeitura e deseja informar da minha presença. Esperei meia hora, enquanto ela tagarelava com outra senhora. Finalmente passou por mim e não deu a mínima satisfação. Talvez pensasse que eu queria um par de sapatos em troca do voto.

Retirei-me. O abraço ao Vilmar vai pelo CORREIO.

Visitamos a oficina da empresa Reunidas de Transportes coletivos. Os chefes estão pedindo aos funcionários que votem no Amin.

Prova disto é o que informou o Walmor Peiter. "Nunca votei a favor do governo. A pedido do patrão, agora vou votar no Amin. Mas sei que vou perder".

Em Guaraciaba encontrei o ex-Delegado de Polícia, Hermes C. Grande. Batemos um longo papo e lembramos o tempo em que como Secretário de Segurança visitava constante o Oeste.

Deveria seguir para Dionísio Cerqueira. Resolvi voltar para São Miguel. O estado da estrada é tão ruim, que se seguisse quebraria o carro. Um empresário local informou-me que seus caminhões estão encostados pois se trafegarem dão prejuízo.

Quebram muito, devido à precariedade das Estradas.

É mais econômico alugá-los. Com o que estou de pleno acordo.

De Criciúma, pretendi ir seguir para Araranguá. O tempo chuvoso não permitia pesquisarmos. Voltamos para Itajaí.

Em Mondaí fomos pesquisar no campo de futebol. Jogavam o Expressinho contra a Associação Estudantil.

Inadvertidamente a equipe entrou no vestiário dos jogadores. O acadêmico de Odontologia de Florianópolis Antônio Luiz Eckert, estava só com a camiseta. Puxou a barra da camisa até os joelhos e virou de costas. Acontece que puxando a frente levantou a parte de trás. Tem gente rindo até hoje.

Em Garuva, entrei num armazém com uma pesquisadora. O dono, pedicista roxo, afirmou que quem não votasse no PDS era... e disse um palavrão. Um modesto colono que estava ao lado puxou do seu título de eleitor, pediu que anotasse o número e o seu nome e disse que votaria no Jaison. Virando-se para o comerciante falou: Não sou isso que o senhor disse. Repetiu o palavrão de clarando: - No PDS também tem..

Em Tubarão visitei a Rádio Tabajara, onde o Elcio atendeu-me com a sua habitual afabilidade. Visitei também o Jornal da cidade.

Em Ituporanga, visitei o Jornal da Região. Muito amável o redator.

A candidatura do Gervásio (PDS) vai muito bem. Pena que não o encontrei. Mas deixei-lhe o abraço.

Em São Miguel do Oeste, como faço sempre que lá apareço, pedi ao empresário imobiliário Lauro Hining que me levasse na Peixaria São Miguel, onde a dona, encontra sempre um bom queijo e salame colonial além de ovos caipiras.

Tudo de primeira e do melhor sabor. (a propaganda é de graça).

Na Ilhota visitei o Prefeito, meu amigo, Hércules (PMDB) que adiantou-me ganharia a eleição no município com mil votos de vantagem.

A pesquisa deu em cima.

Em Pouso Redondo encontrei a professora Elisa Tinti que é supervisora do Mobral. Todas as alunas da escola estavam plantando mudas de árvores na rua principal. Exemplo a ser seguido.

Ao entrar no Banco Itaú, deparei com o velho amigo Veríssimo Francisco da Silva F9, que atualmente é o gerente. Depois de longo papo, fui informado que o Heins Sievert, filho do candidato à Prefeitura pelo PDS estava dando cem mil votos de vantagem e pegava o Amin.

Apostava 300.000 cruzeiros Como eu já tinha a posição do Estado, e sabia que o Jaison venceria

Autorizei o Veríssimo a pagar a aposta, debitando na minha conta, em Ita já.

Hoje, terminada a pesquisa quem dá os cem mil votos sou eu, e pego o Jaison.

Em Concórdia, o candidato à Vereador pelo PDS, levou-nos numa festa da comunidade evangélica.

Ao entrar no salão, a primeira pessoa que vejo é o meu amigo, ex-secretário de Justiça, Neudi Massoloni, por sinal um grande deputado (PDS), grande secretário e grande no tamanho. Ele deve ter 3 metros de altura por dois de largura. Geralmente quando dois amigos se abraçam, dão tapinhas nas costas. Quando abraço o Neudi, dou tapinhas nos seus joelhos.

Em Atalanta, Município predominantemente de agricultores, por sugestão de alguns amigos fui ao Ri beirão da Matilde, distrito cuja comunidade é composta de agricultores, somente. Das 16 casas visitadas, só uma era do PDS.

O resto PMDB. Como se verifica, o governo não predomina mais na área agrícola.

O João mandou plantar que garantia. Não garantiu. Aí está o resultado.

Para Deputado Estadual
ANTONIO PICHETTI



N. 5250 PMDB

ATENTADO CONTRA O CANDIDATO DO PMDB

Na madrugada de ontem, o candidato do PMDB, médico Sergio Biehler, sofreu um atentado quando o veículo no qual viajava foi atingido por cinco tiros.

Um automóvel Chevette sem placa, estava estacionado na beira da estrada que liga Zimbros à Porto Belo. Fizeram sinal para que o médico parasse. Diminuindo a velocidade não chegou a parar. Cinco tiros foram disparados, atingindo o parabrisa, a carroceria e o assento do carro.

Segundo informações, o atentado já era esperado pois telefonemas anônimos sugeriam que o médico Sérgio Biehler retirasse a sua candidatura, ou sofreria uma represália.

Anteriormente o médico já sofrera a demissão do cargo de médico da Secretaria de Saúde, o mesmo acontecendo com a sua esposa que é dentista.

Também foi demitido da Prefeitura (PDS) por ter sido candidato do PMDB.

Como as pesquisas apontam o médico como vitorioso e não se atemorizam do com as pressões e ameaças só restava aos seus adversários assassiná-lo.

Foi o que tantaram fazer.

Xanxerê
Mariamábile T. Badotti
N. 1619
VEREADORA



P
D
S

PMDB
N. 5616
VEREADOR
AIRTON TEIXEIRA DE MELO



EXPEDIENTE
JORNAL CORREIO

Diretor Responsável - Elias Adaime, Jornalista Profissional DRT/SC 740.
Redação - J. P. Leberato, 2.300 - Itajaí.